

*Frei Eurico de Mello*

# **A ORAÇÃO LITURGICA**

## **DAS HORAS**

*Treinamento  
para a  
Vida com Deus  
nas  
Casas de Oração  
da  
SEARA*

C U R I T I B A

• 1 9 8 4

## *A p r e s e n t a ç ã o*

*Escrevi estas páginas para servir aos participantes das Casas de Oração da SEARA nas quais prestamos serviço. Nestas nossas Casas seguimos determinada linha de conduta, segundo a qual toda a vida com Deus na oração pessoal é vista como expansão do núcleo celebrativo da liturgia. No nosso modo de ver, qualquer intimidade com Deus que, finalmente, não jorra da ação litúrgica ou para ela não conduz, não é a intimidade da oração cristã. Porque a intimidade da oração cristã só é tal na medida em que fôr o mistério da intimidade do Filho em sua União com o Pai, vivido em nós.*

*Ora, é pela ação litúrgica que isso entra e penetra em nós. E tende a dominar nossa vida. A Liturgia não é ação que termina no final de uma celebração litúrgica: na medida em que nos abrimos para a sua ação - isso acontece na medida em que nossa participação fôr consciente, ativa e plena da alma e do corpo, animada por um fervor de fé, de esperança e caridade! - o núcleo celebrativo de qualquer ação litúrgica é tal que, por sua natureza, tende a penetrar sempre mais em nossa vida, envolver tudo, informar tudo, avassalar tudo, até o ponto de fazer com que toda a nossa vida, em suas atividades mesmo as mais "profanas", seja uma vida tornada lugar e espaço em que o Filho se Une e se envolve com o Pai. Na medida em que isso acontece, toda a nossa vida, em suas ações mais insignificantes e mais profanas, fica sendo uma vida vivida sob o impulso da iniciativa que vem do alto, vem de Deus. É isso o que acontece principalmente em nossa vida de oração pessoal: sem esta influência, os mais sublimes êxtases não serão oração cristã: expressão de alta religiosidade, certamente, mas não ainda de religiosidade cristã*

*Foi isso que pretendemos com estas páginas. Oxalá o tenhamos conseguido!*

*Curitiba, 6 de janeiro de 1984*

*Frei Eurico de Mello OFMCap.*

## Introdução

1. Geralmente distinguimos a oração pessoal da oração comunitária. São duas situações: na oração pessoal eu me retiro, fico sozinho, crio silêncio ao redor de mim. Faço isso em lugar aberto, ao ar livre, ou numa capela, ou então no meu quarto, ao qual me recolho, fecho a porta e rezo ao Pai em segredo; na oração comunitária, ao contrário, eu me reúno com meus irmãos, e juntos louvamos, adoramos, cantamos, rendemos graças, partilhamos o Espírito que pudemos conceber em nossa oração pessoal.

Estas duas formas de oração são exigências da existência cristã. Brotam do mesmo dinamismo. Um nexu lógico as liga uma à outra. Devemos dizer que a oração comunitária, litúrgica, situa-se no núcleo: Deus nos reúne, e, reunidos, ouvimos sua voz e respondemos ao que nos diz; é o momento da oração litúrgica. Esta oração, porém, por seu próprio dinamismo, tende a invadir nossa vida, acompanhar-nos por toda a parte: é o momento da oração pessoal, como expansão necessária daquilo que aconteceu no núcleo celebrativo; toda a oração litúrgica, na medida em que fôr animada por um fervor de fé, de esperança e de caridade, necessariamente forma em nosso coração um estado oracional que se expande e se manifesta em todos os momentos de nossa existência diária; essa expansão e manifestação da oração litúrgica num estado oracional que sempre mais toma conta de nossa vida, é a oração pessoal. Por outro lado, a oração pessoal não é apenas expansão e manifestação na existência pessoal do conteúdo da oração litúrgica, mas é também preparação para a oração litúrgica: é e

xatamente a excitação e o cultivo daquele fervor de fé, de esperança e caridade que depois faz com que a intervenção divina que acontece nas celebrações litúrgicas encontre terreno preparado em nosso coração, e assim produza todos os frutos que o Senhor nos quis prodigalizar. A oração litúrgica precisa ser preparada e precisa ser expandida: daí deriva a necessidade da oração pessoal.

Quer dizer que, na estrutura geral da oração cristã, a oração litúrgica ocupa o centro. Por que? Porque a existência cristã é uma realidade que, antes e acima de tudo, depende da iniciativa divina. Antes e acima de tudo depende daquilo que Deus, em Cristo, pelo Espírito, faz em nós, produz em nós. Isso é iniciativa divina: o primeiro movimento vem do Pai, livremente, gratuitamente; o Pai intervém em nós no Filho, isto é, em Cristo pelo Espírito.

Isso em primeiro lugar, absolutamente em primeiro lugar. O movimento não brota de nós. É impossível que brote de nós: somos cegos, surdos, mudos, paralíticos e leprosos. Intervindo em nós, o Senhor nos cura de nossa cegueira, dá-nos ouvidos para ouvir, língua para falar, movimento aos nossos membros e limpa-nos a nossa carne e a torna sensível para sentir, experimentar...

Em segundo lugar vem a nossa reação, isto é, a nossa resposta: vemos, ouvimos, falamos, saboreamos, experimentamos, sentimos, caminhamos, corremos, voamos até...

Na oração litúrgica destaca-se em primeiro lugar aquilo que Deus faz em nós; é claro que também nós, na medida em que a intervenção divina realmente nos atinge, também agimos; mas isso acontece em segundo lugar. É específico da oração litúrgica o conotar em primeiro lugar aquilo que Deus faz em nós; a iniciativa divina!

Na oração pessoal destaca-se em primeiro lugar a resposta que damos à intervenção divina: aquilo que nós fazemos, a nossa iniciativa! É cla-



ro que, na oração pessoal, Deus continua a tomar iniciativas, continua a intervir, continua a ser a gênese do movimento que se produz, pois do contrário a oração pessoal não seria oração cristã. Esta iniciativa divina jamais pode cessar, como os raios do sol precisam continuamente ser alimentados por sua fonte. Mas isto acontece exatamente porque a oração pessoal do cristão não é outra coisa senão uma expansão daquele núcleo oracional que acontece na celebração litúrgica e que é constituído, antes e acima de tudo, por aquilo que o Senhor faz em nós. Por isso, mesmo na oração pessoal cristã, Deus continua sempre a intervir. Do contrário ela deixa de ser oração cristã. Será um ato de religiosidade, mas não de religiosidade cristã.

Mas, não obstante isso, fica sempre sendo verdade que a oração pessoal destaca em primeiro lugar a iniciativa do homem, que é uma iniciativa de resposta à iniciativa divina, uma ação de reação diante da ação do Pai, em Cristo, pelo Espírito.

Não significa que a oração pessoal só começa depois que termina a oração litúrgica. Não! A oração pessoal já começa dentro da oração litúrgica, no momento em que, como consequência da ação divina, do movimento que vem do Pai, em Cristo, pelo Espírito, começa a ação do homem, o movimento que nós produzimos em virtude do impulso que nos vem do Senhor.

A oração pessoal, por outro lado, não é apenas expansão do núcleo da oração litúrgica, mas é também dinamismo que impele, de um núcleo celebrativo, para outro núcleo celebrativo. Ela expande um núcleo, e prepara outro núcleo. Expande enquanto prepara, e prepara enquanto expande. Quanto mais expande, mais prepara, isto é, quanto mais um núcleo celebrativo litúrgico tiver força expansiva na oração pessoal, tanto mais impulso imprime em direção a outro núcleo celebrativo: quanto mais a celebração eucarística de hoje se expandir

numa vida de oração pessoal durante o dia, tanto mais haverá de impelir-nos com maior fervor de fé, de esperança e caridade para a celebração eucarística de amanhã, e assim por diante...

## Cap. I - A RELIGIOSIDADE CRISTÃ

2. A liturgia cristã tem, como característica específica e inconfundível, o fato de ser "celebração" dos mistérios da história da salvação. Pelo rito celebrativo, na medida em que o homem anima sua celebração com fervor de fé, de esperança e de caridade, o mistério da história da salvação é celebrado, isto é, um fato que aconteceu, acontece. Não "acontece de novo": não há repetição do acontecimento; o que aconteceu, aconteceu uma só vez, uma vez por todas, e não se repete mais. Entretanto, em virtude da intervenção divina que se dá na celebração (por isso se diz celebração "litúrgica", porque os ritos trazem um "mistério", produzem um "mistério", fazem com que um mistério se torne presente), aquilo que aconteceu uma só vez e não se repete mais, se faz presente aqui e agora, acontece aqui e agora, "presencializa-se", "agoriza-se". O que aconteceu no passado, acontece agora; mas não se repete agora; não acontece de novo: aquilo que mesmo que aconteceu, se faz presente, acontece agora sem se repetir, não acontece "de novo", "outra vez", mas se "agoriza", se "presencializa" na sua realidade acontecida só uma vez e uma vez por todas.

E há mais: não apenas se "agoriza" um fato histórico acontecido no passado, mas "se agoriza" o fato histórico que "vai acontecer" no futuro. Aliás, o que se "agoriza" é principalmente o fato

que vai acontecer no futuro. Aquilo que ainda não aconteceu, que ainda não está pronto, misteriosamente (por isso se diz "liturgia", celebração de um "mistério") se antecipa, acontece já sem que, com isso, o fato futuro deixe de ser futuro; aliás, é por isso que o futuro se torna atingível, realizá-vel; inclusive urge-se o futuro, apressa-se a sua realização, na medida em que participamos da celebração do mistério com fervor de fé, fervor de esperança e fervor de caridade.

3. Por isso se diz que a religiosidade cristã é uma religiosidade histórica. As liturgias de todas as religiões não cristãs não se fundam sobre uma religiosidade histórica, mas sobre uma religiosidade cósmica, ao menos prevalentemente cósmica. Na religiosidade cósmica a história só envolve o homem; não envolve Deus. Nela progridem as doutrinas pelas quais o homem faz teorias a respeito do relacionamento com Deus; progride também a ética com a qual se codificam as normas divinas, progridem os ritos com que se honram a divindade; mas o relacionamento entre o homem e Deus não progride; fica imutável; fica sendo sempre uma relação criatura-Criador, e não sai disso; melhorando suas relações com Deus, o homem pode conseguir de Deus mais favores, mas não cresce, não fica diferente do que é, como simples criatura.

4. Na religiosidade cristã não é assim: ela põe em destaque a intervenção de Deus na história do homem. Com isso a relação criatura-Criador evolui para a relação-Pai-Filho, Esposo-Esposa e Irmão-Irmão. Nesta perspectiva, o verdadeiro sentido da nossa religiosidade não é dado pela primeira intervenção de Deus, mas pela última, isto é, por aquela que explica o sentido e a finalidade de tudo o que aconteceu. No nosso caso, esta última e definitiva intervenção de Deus se deu em Jesus na sua totalidade. Jesus é uma realidade histórica onde nos encontramos definitivamente com Deus. Em Jesus temos a definitiva palavra de Deus.

Temos aquilo no qual devemos crer, temos a lei se gundo a qual devemos viver. Não é uma lei, mas um fato histórico. Não é um princípio, uma teoria, mas um Alguém existente, vivo, operante. Tudo para nós, parte de Jesus. Só entendemos Deus a partir de Jesus.

Esta história possui duas características: a primeira é a GRATUIDADE: a história da salvação não é fruto de uma conquista humana, mas da iniciativa divina; Deus intervém, e o homem responde. A outra característica é a ORIENTAÇÃO PARA O FUTURO (=orientação escatológica): o vértice da história, o mundo terminado, totalmente feito, encontra-se em Jesus que, com a morte e a ressurreição, passou totalmente para o mundo de Deus; assim a nossa história tem um objetivo que está fora e para lá da própria história.

## Cap. II - A LITURGIA CRISTÃ

5. A liturgia cristã é celebração dos mistérios da história da salvação, que, essencialmente, é história de uma eleição, de uma ALIANÇA. As atividades celebrativas fundamentais desta liturgia são os sacramentos, entre os quais o da Eucaristia que representa o centro e o ápice, exatamente porque por ele se presencializa e se "agoriza" e nos atinge, a máxima intervenção salvífica de Deus em nossa história: a morte e a ressurreição de Jesus, com a consequente ascensão ao céu, o assentar-se à direita de Deus, o enviar o Espírito Santo e o estar pronto para o definitivo retorno.

Em cada sacramento temos o momento e o lugar em que o cristão se faz sujeito e ator do misté-

rio sa salvação, sujeito e ator desta história, desta eleição, desta aliança: pelos sacramentos o cristão é inserido ou enxertado na nova história. Desta inserção, ou enxerto, nasce a nova ética, ou melhor, o novo "código" de ação, o novo estilo de comportamento, o novo estilo de vida que nos deve distinguir na maneira de construir a história.

A existência cristã, a realidade que constitui o ser cristão é algo que é produzido, gerado por Deus mediante a celebração litúrgica. Os ritos sacramentais, embora envolvam coisas, não são uma coisa: são uma ação carregada de carga santificadora e transformadora tão profunda que não pode ser exprimível e receptível senão mediante um sinal.

Esta ação é ministerial e comunitária. É MINISTERIAL porque a ação sacramental exercida mediante o sinal, é ação de Deus (=quem batiza é Cristo), é ação conduzida por Cristo que se faz presente na celebração e produz aquela "ação misteriosa" da qual o rito celebrativo está carregado. O rito celebrativo é realizado em nome e pela autoridade de Deus. Quem administra o sacramento é apenas um ministro de um ator principal e mais verdadeiro - o ministro é um representante que, ao representar, torna presente o representado! - e quem recebe o sacramento sabe que se submete não à ação de um homem, mas à ação de Deus: no rito celebrativo é Deus quem santifica, quem transforma, quem fala, quem ensina, quem conduz, quem realiza o crescimento do homem, a mudança dum homem velho em homem novo, etc., etc., etc.

Em segundo lugar, a ação celebrativa da liturgia cristã é COMUNITÁRIA, sempre comunitária! A intervenção de Deus transforma o homem fazendo-o membro de um povo, unindo um irmão ao outro irmão, ou melhor, criando um vínculo de fraternidade de um homem com outros homens. Primeiro, é claro, esta intervenção transforma o homem fazendo-o contrair um vínculo com o Pai: é uma intervenção que faz o homem ser filho de Deus Pai; é a

dimensão de FILIALIDADE da Vida Cristã; ao lado disso, é uma intervenção que faz a criatura ser a Esposa que o Pai decidiu dar ao Filho: é a dimensão de ESPONSALIDADE da Vida Cristã; finalmente esta intervenção é uma ação que cria um vínculo novo entre os homens assim nascidos de novo, entre as criaturas desposadas ao Filho, e este vínculo novo os torna irmãos: é a dimensão de FRATERNIDADE da Vida Cristã.

Além disso, a ação celebrativa da liturgia é comunitária porque a resposta do homem à iniciativa divina não é estabelecida pelo indivíduo, mas pela comunidade em que o indivíduo está inserido. É comunitária também porque a ministerialidade da ação sacramental, além de significar que se trata de uma ação de Deus, significa também que se trata de uma ação feita em nome da comunidade.

6. A ação sacramental cristã, além de ser "ação" que salva pelo fato de ser "intervenção" salvadora de Deus, é também "encontro pessoal". Encontramo-nos com quem? Encontramo-nos com a Palavra de Deus que anuncia, promete e realiza a salvação, e encontramos com a comunidade eclesial (=com os irmãos), na qual as promessas salvíficas encontram atuação. E sendo que a Palavra de Deus, finalmente, é Cristo, e a comunidade eclesial só é tal enquanto reunida por Cristo e ao redor de Cristo, segue-se que a ação sacramental é encontro pessoal com Cristo e, em Cristo, por um lado com o Pai, e, por outro lado com os irmãos. Na ação litúrgica tocamos em Cristo e somos tocados por Cristo.

7. A "ação litúrgica" não termina no seu núcleo celebrativo: ela tende a se irradiar e se expandir sempre mais ao redor do seu núcleo celebrativo. Ela tende a estabelecer um relacionamento sempre mais intenso e totalizante com Deus, com os irmãos e com toda a realidade, derivada de uma vida nova, suscitada e vivida no Espírito do Senhor. O que faz do justo um homem novo, não é ape

nas o acontecimento que tem lugar dentro do núcleo sacramental, mas toda uma vida que progressivamente se transforma a partir do núcleo sacramental. O exercício das virtudes, a prática da ascese cristã, as formas de testemunho e apostolado encontram seu conteúdo e autenticidade na medida em que acontecem como que fluindo da irradiação dos núcleos da vida sacramental. É por isso que podemos ter uma oração cristã, uma ascese cristã, um testemunho cristão, um apostolado cristão: por que tudo isso brota do encontro dinâmico com a Palavra, com Cristo e com a Igreja.

8. Na vida cristã, portanto, seria um absurdo separar espiritualidade e liturgia. A espiritualidade cristã, só é tal, se fôr realidade que flúi da ação litúrgica. A liturgia é a alma da espiritualidade cristã, como é a alma do testemunho cristão; da ascese cristã e do apostolado cristão. Nenhum esforço que fazemos, por mais heróico que seja, se não fôr impulso que jorra de outro impulso, o que nos vem de Deus, em Cristo pelo Espírito, não é esforço cristão, não tem valor de vida cristã. Ora, os impulsos que nos vêm de Deus, em Cristo e pelo Espírito, só nos vêm e nos atingem através da ação do rito celebrativo. Qualquer esforço que fizermos, precisa ser esforço feito dentro do rito celebrativo ou, de qualquer forma, sempre um esforço feito sob o domínio da ação litúrgica, dentro ou fora do núcleo celebrativo. Porque só assim, aquilo que fazemos é também aquilo que Deus faz, e, se o Senhor não o fizer, nós nada podemos fazer.

### Cap. III - INTERVENÇÃO DE DEUS PELA AÇÃO DOS SACRAMENTOS

9. As ações litúrgicas são, principalmente, as ações sacramentais. As ações litúrgicas são aquelas pelas quais celebramos cada um dos sete sacramentos da Igreja. Por estas ações Deus intervém no homem e o transforma, mais ou menos, conforme a medida da abertura com que o homem se abre para receber a ação destas intervenções.

Entre todos os sete sacramentos há aquele que é centro e ápice da vida cristã: a Eucaristia. Ao redor da Eucaristia estão os demais sacramentos. Ao redor da Eucaristia, de modo especial, como expansão de seu louvor e como preparação para a mesma, está a Liturgia das Horas. Todas as ações sagradas e todas as atividades da vida cristã estão ligadas à Eucaristia, dela decorrendo ou a ela sendo ordenadas.

A transformação do homem, decorrente desta intervenção divina em sua história, depende da maior ou menor abertura do mesmo homem para esta intervenção. O homem pode se abrir mais ou menos. O homem pode manter-se totalmente fechado. Neste caso, ao receber o sacramento, "come e bebe a sua própria condenação", recebe a graça em vão, frustra a intervenção divina, afunda-se ainda mais no seu pecado. O homem pode, por outro lado, não apenas se abrir, mas simplesmente "escancarar" todas as suas portas para a invasão de Deus: então acontece a "maravilha" do homem novo, e a manifestação da glória de Deus "explode" na aparência frágil da criatura. Produz o "milagre" do cego que vê, do surdo que ouve, do mudo que fala, do leproso que fica limpo, do paralítico que toma o seu leito e anda...; sobre a face do homem pecador, pode brilhar a luminosidade do rosto de Cristo sobre o Tabor.

O homem pode abrir-se mais ou menos; pode abrir-se totalmente, e pode fechar-se totalmente; Quando se abre totalmente, deixa-se plasmar, temperar e modelar pela força do Onipotente; quando se fecha totalmente, vela de impotência a própria Onipotência.



10. A intervenção do Deus na transformação do homem começa com o BATISMO. A transformação operada pelo Batismo é uma transformação de base germinial: a graça é graça batismal. É graça que germina o homem novo. É germe de transformação. Que faz esta transformação? Faz o homem mudar de um estado para outro. Tira o homem de um estado e transfere-o para outro. Tira-o do estado em que se pertence a si mesmo, e transfere-o para o estado em que se pertence a Cristo. O Batismo produz um ser-de-Cristo, um pertencer-a-Cristo, um ser-possuído-por-Cristo. Ser de Cristo, pertencer a Cristo e ser possuído por Cristo, como a Esposa pertence ao Esposo e é possuída pelo Esposo. Neste pertencer a Cristo há um "mínimo" e há um "máximo". O mínimo é produzido desde o momento em que o homem é batizado. O máximo é um último germe batismal que desabrocha na hora da passagem do cristão para a outra vida. Aí o Batismo faz desabrochar um último germe de evolução futura. Aí termina a ação batismal; aí está pronta a ação batismal, ao menos da parte de Deus. Entre este "mínimo" e este "máximo" existem os estágios intermediários que devem desenvolver-se ao longo de nossa existência terrena.

A intervenção batismal produz, basicamente um ser-de-Cristo, um pertencer-a-Cristo. Em decorrência disso, por estrita conexão lógica, segue-se outra "pertença": um pertencer a todos os que pertencem a Cristo, isto é, o Batismo, como consequência imediata do ser-Filho de Deus no Filho de Deus, produz o ser-Igreja: o mesmo ato pelo qual passo a ser de Cristo, fica sendo também o ato pelo qual fico ligado ontologicamente a todos os que, da mesma forma, pertencem a Cristo: todos nós, assim ligados por este vínculo ontológico, somos o povo de Deus, isto é, a Igreja. Tanto este ser filho no Filho como este ser Igreja (=ser de Cristo e ser daqueles que são de Cristo) é uma realidade dinâmica, começa de maneira germinial, incipiente, por sua própria natureza tende a crescer sempre, desdobrar sempre novas potencialidades, a-

té produzir o último efeito na hora da morte, quando então o ser-de-Cristo e o ser-dos-que-são-de-Cristo deverá estar perfeito: o homem está pronto para entrar na vida eterna; se, ao sair desta vida resta ainda alguma coisa por fazer, existe a purificação que se realiza para lá do umbral da morte; e se o homem trancou este dinamismo e sancionou na hora da morte esta ruptura, tem lugar a condenação eterna.

Do ser-de-Cristo e do ser-Igreja, ou ser-dos-outros, decorre logicamente mais uma consequência: o ser enviado ao mundo para agir em nome de Cristo, para dar testemunho de Cristo, para falar em nome de Cristo. Por isso o Batismo, logo em seguida, é complementado pelo Crisma. Pelo Sacramento do Crisma somos enviados ao mundo como apóstolos. O Crisma completa o Batismo produzindo em nós a terceira coordenada de nossa consagração de base: a primeira é o ser-de-Cristo, a segunda é o ser-Igreja, e a terceira, o ser-enviado-ao-mundo como sal, luz e fermento.

11. No dia-a-dia de nossa existência cristã outros dois sacramentos influem constantemente no dinamismo brotado dos dois sacramentos da iniciação. Como vimos, este dinamismo tende a penetrar sempre mais em nossa vida, tomar conta de nossa existência, até desenvolver o último germe de nossa evolução futura, na passagem desta para a outra vida. Os dois outros sacramentos que auxiliam esta penetração constante são a Eucaristia e a Penitência.

A Eucaristia visa a produção de dois efeitos: a união com o Senhor e a união com os Irmãos. Alimenta em nós a entrega ao Senhor, o ser-de-Cristo; e a doação aos irmãos, o Ser-Igreja; alimenta também o ser-enviado-ao-mundo: cada Eucaristia, entregando-nos mais ao Senhor, e unindo-nos mais a todos aqueles que, como nós, também se entregam ao Senhor, envia-nos ao mundo como sal, luz e fermento. Ela é, portanto, contínua injeção de energias vitais no dinamismo da graça batismal. Mas ela faz

isso penetrando no futuro: penetra no movimento futuro da graça batismal, naquilo que irá acontecer, nos germes de evolução batismal que estão para desabrochar... Penetra até onde? Penetra até no último germe de evolução batismal, na hora da nossa morte. Tem essa virtude, traz essa potencialidade. Consegue realmente fazê-lo na medida em que nos abrimos para a ação desta intervenção divina. Com isso faz com que antecipadamente, antes que aconteçam, nossos atos futuros sejam atos agradáveis ao Senhor, atos e atitudes de uma esposa fiel. Pela virtude que nos vem da Eucaristia, nossos momentos futuros começam a tornar-se agradáveis aos olhos de Deus. Principalmente a última decisão, a última opção que fizemos nesta vida: penetra aí, ou melhor, tende a penetrar até aí, e fazer com que, principalmente nossa última decisão e última opção seja a decisão e a opção de uma esposa fidelíssima, que faz a alegria de seu Esposo.

A Penitência, analogamente à Eucaristia, visa a produção de dois efeitos: destruir a separação e a distância do nosso coração em relação a Deus, e destruir a distância e a separação do nosso coração em relação aos irmãos. É o lado avesso da medalha da graça que nos é dada na Eucaristia: a Eucaristia CONSTRÓI A UNIÃO com o Senhor e a UNIÃO com os irmãos; a Penitência DESTRÓI A DESUNIÃO com o Senhor e a DESUNIÃO com os irmãos. Além disso, se a Eucaristia possui força penetrativa no FUTURO, a Penitência possui força penetrativa no PASSADO: cada vez que celebramos o sacramento da Penitência, na medida em que o celebramos com fervor de fé, de esperança e caridade, este ato litúrgico tende a penetrar em todos aqueles atos que, em nosso passado, não foram agradáveis aos olhos de Deus, não foram transparência e encarnação do amor com o qual o Senhor nos ama, e foram atos que não fizeram brilhar a glória de Deus, porque não foram atos de uma esposa fiel, mas de uma esposa infiel que se entregou a outros amantes. Assim, pela virtude deste sacramento nossa vida passada, que não foi agradável ao Senhor, torna-se

posteriormente agradável ao Senhor. É errado pensar que a graça deste sacramento só destrói os pecados que foram atualmente acusados. Estes são a matéria do sacramento que celebramos hoje. A graça os atinge e os destrói na medida em que realmente foi pecaminoso; isto é, não agradável aos olhos de Deus, aquilo de que nos acusamos. Nós, porém, geralmente acusamos muitas faltas, quando na verdade o nosso pecado é sempre um só, sempre muito mais misterioso e dramático do que o supomos, tanto que, mesmo depois de uma absolvição recebida, continuamos ainda pecadores, necessitados da intervenção da graça da penitência, na qual o Senhor se dá a nós como Médico e Medicina, e Medicina não apenas curativa, inclusive da doença da morte, mas também preventiva, imunizante contra futuras possibilidades de contaminação.

Com esta penetração da graça em nosso passado, por virtude do Sacramento da Penitência, a nossa vida passada, seja lá o que tenha sido, pode tornar-se sempre mais agradável aos olhos de Deus, vida de uma esposa totalmente fiel. Dizemos "pode". Devemos dizer também "deve". Porque essa maior ou menor possibilidade de penetração em nosso passado, da nossa parte, depende da frequência com que bebermos dessa fonte, e depende do fervor de fé, fervor de esperança e fervor de caridade com que animamos a aproximação frequente deste sacramento. Dentro dessa condição, toda a vez que recebemos o Sacramento da Penitência, o Senhor intervém em nós com uma ação que, de per si, possui virtude para penetrar até no primeiro ato que, em nossa vida, em nosso mais remoto passado, não foi agradável aos olhos de Deus. Penetra aí e destrói o que não foi agradável e faz com que se torne posteriormente agradável o que anteriormente foi objeto de desagrado. É assim que nossa alma sempre mais pode ser virginizada daquela única virgindade que é digna de ser desposada pelo Filho de Deus. Em breves palavras: assim como a Eucaristia age no dinamismo futuro da graça batismal, ajudando-a a produzir sempre mais o seu efeito de

ser-de-Cristo e ser-dos-irmãos (=ser Igreja), assim também a Penitência, age no dinamismo passado da mesma graça batismal destruindo as não-entregas e as não-adesões ao Senhor e aos irmãos em nosso passado, e gerando, em lugar da não-entrega e da não-adesão, por arcano poder e amor, a entrega e adesão. São as "maravilhas" que o Senhor faz por nós e que devem arrancar do nosso coração a mais explosiva gratidão e o mais jubiloso reconhecimento. Isto nos fala do "ciúme" do amor de Deus, da luta que trava para que sejamos dele, como a Esposa pertence ao Esposo!

12. É muito importante para a nossa vida em Cristo que tenhamos esta visão coerente da intervenção transformadora de Deus em nossa vida pela virtude única dos sacramentos. Vimos o nexó existente entre Batismo e Crisma, entre Eucaristia e Penitência, como também a relação entre a ação da Eucaristia e da Penitência com o dinamismo batismal e crismal. Para que sejamos completo, vejamos rapidamente como os outros três sacramentos - Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio - se situam dentro deste quadro. O Sacramento da Unção dos Enfermos, em seu dinamismo, vem em auxílio de três sacramentos: o Batismo, a Eucaristia e a Penitência. Em relação ao Batismo, ele é graça dada ao homem, em iminência de sair desta vida, para que o último germe batismal possa desabrochar totalmente. É o momento decisivo na vida da pessoa humana: que seu último ato, sua última decisão e sua última opção seja ato, decisão e opção de uma esposa fidelíssima. Todo o dinamismo da graça batismal, ao longo de toda a vida, forçou as coisas para que se chegasse, finalmente, a isso. Então, em perigo de morte, o cristão é socorrido com mais este sacramento por meio do qual Deus intervém no homem como nova e especial virtude a fim de que seu Batismo surta, finalmente, seu último efeito, e se realize plenamente todo o seu processo.

O Sacramento da Unção dos Enfermos também vem em auxílio da Eucaristia em sua virtude pene-

trativa no futuro, e da Penitência, em sua virtude penetrativa no passado: é o auxílio novo no esforço virginizador do que está para vir, e auxílio novo no esforço virginizador do que se foi, mas não foi ato de uma esposa fiel. Por isso, juntamente com a administração do Sacramento da União, quando a situação do doente e outras circunstâncias não o impedem, administra-se também os Sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Dir-se-ia que, neste caso, o ciúme do amor de Deus, que quer só para ele o amor da criatura, assume uma fúria inaudita. Até que ponto o Senhor luta para nos arrancar a outro pretendente! Até que ponto ele arde no desejo para nos desposar em aliança eterna, na total tranquilidade da posse!

Finalmente, os outros dois sacramentos: o da Ordem especifica ulteriormente a graça do Sacramento do Crisma, e o do Matrimônio, a graça do Batismo. A Ordem especifica o Crisma porque, em virtude deste Sacramento, o homem é enviado ao mundo não apenas para falar em nome de Cristo, mas para representar - tornando-o PRESENTE - Cristo Cabeça e Esposo da Igreja em sua vida terrena. Pelo Sacramento do Crisma, minha palavra se torna Palavra de Cristo; pelo Sacramento da Ordem, é a presidência da Palavra do Ministro que faz com que minha palavra seja Palavra de Cristo. Se minha palavra de homem cristão não for presidida pela palavra dos pastores da Igreja, ela deixa de ser palavra de Cristo; se meu testemunho de homem cristão não for presidido pelo testemunho dos pastores da Igreja, ele deixa de ser testemunho de Cristo; se minha ação de homem cristão não for presidida pela ação dos pastores da Igreja, ela deixa de ser uma ação realizada em nome e pela virtude de Cristo. "Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os que a constroem". Só o Senhor ensina, só o Senhor conduz, só o Senhor dá testemunho. E faz isso em mim, comigo e por mim; eu me abro para que ele faça isso em mim, comigo e por mim, vivendo em comunhão hierárquica com os que receberam o Sacramento da Ordem. Se eu não aceito

a mediação deste sinal, eu me fecho totalmente para que o Senhor fale em mim, dê testemunho em mim e atue em mim a transformação do mundo. Sem a mediação deste sinal eu não sou apóstolo, eu não evangelizo, não sou enviado ao mundo pelo Senhor e em nome e pela virtude do Senhor.

E o Matrimônio? É graça que especifica a graça do Batismo. A graça do Batismo é graça que me une ao Senhor como a Esposa ao Esposo. É graça de ser dele como a Esposa é do Esposo. Ora, neste ser de Cristo, como a Esposa é do Esposo, existe a era presente e existe a era futura. No Matrimônio cristão dos batizados, recebe-se a graça de viver o mistério da Igreja, como Esposa de Cristo, na idade terrena do Reino: nesta idade terrena a criatura vive este mistério na união conjugal com outra criatura de sexo diferente. No Matrimônio dos batizados, a graça batismal, enquanto união esponsal com Cristo, é vivida na era terrena desta união. Esta mesma graça, em sua idade futura, é dada a alguns, para que a vivam desde já, pela consagração virginal ou consagração pela profissão dos conselhos evangélicos. Por aí se vê também o nexo existente entre a graça da consagração virginal (=ou consagração pela profissão dos conselhos), a graça batismal e a graça matrimonial. A consagração virginal dada a alguns como um dom especial - precioso dom da graça! - não pode ser entendida sem a teologia do Batismo e a teologia do Matrimônio. Também o matrimônio cristão não pode ser entendido sem a graça do batismo e a graça da consagração virginal. Há estrita ligação entre estes três aspectos do mesmo mistério: o Batismo é graça de ser-de-Cristo como a Esposa é do Esposo; o matrimônio cristão é graça de ser de Cristo como a esposa é do Esposo na idade terrena do Reino, quando isso acontece mediante o cônjuge; a consagração virginal é graça de ser de Cristo como a Esposa é do Esposo na idade futura e definitiva do Reino, e isso desde já, e, portanto, sem a mediação do cônjuge.

13. A Eucaristia é centro e ápice de toda a vida cristã. Nela se encontra o ápice tanto da ação pela qual Deus intervém em nós e nos transforma, santifica, como o ápice da resposta "que damos a esta intervenção divina. Nela se faz "memória" de todos os mistérios da Redenção, "agorizando-os" para nós, tornando-os presentes, fazendo com que nos tornemos atores e sujeitos dessa história, personagens desta história. Tudo, na vida cristã - as demais ações sagradas e toda a atividade cristã - a ela estão ligadas, dela decorrendo cu a ela sendo ordenadas.

Ápice e centro da vida cristã porque nela se presencializa e se "agoriza" para nós a máxima intervenção salvífica de Deus em nossa história, que foi a morte, a ressurreição, a ascensão ao céu, o assentar-se à direita do Pai, o envio do Espírito Santo e o estar pronto para voltar. Pela Eucaristia o Senhor intervém em nós com o máximo de sua força onipotente, total força salvadora, completa virtude transformadora. Nada, em nossa vida cristã, nenhum esforço, nada se comparará ao que pode e deve ser feito pela Eucaristia. Por isso tudo, em nossas jornadas, deve se tensionar em direção à Eucaristia, e se tensionar a partir da Eucaristia. Sem ela, a força penetrativa do Batismo fica subnutrida e se estiola; sem ela não há união com o Senhor, mesmo que, em nossos tempos de oração pessoal, sejamos capazes de êxtases; sem ela não há Igreja, porque não há aquela vinculação de pessoas que constrói o ser-Igreja; sem ela também a virtude do Crisma que nos envia como testemunhas, evangelizadores e apóstolos, fica subnutrida e se estiola: sem ela, portanto, não existe o



ser-enviado-ao-mundo como sal, luz e fermento, exatamente porque sem ela o sal perde a sua força, a luz é colocada debaixo do alqueire e o fermento perde sua capacidade fermentadora. Portanto, qualquer esforço que fizermos em nossa vida cristã, se não fôr um esforço que recebe força da força eucarística, não será esforço cristão, isto é, não será esforço que consegue o que tem para conseguir unicamente porque o Senhor, em definitivo, é aquele que edifica, faz crescer e produzir frutos. Qualquer fruto que produzamos, em nossa vida cristã, se finalmente não fôr fruto produzido pela força que nos vem da Eucaristia, não é fruto de vida cristã. Mesmo que transponhamos montanhas, ainda que falemos as línguas dos anjos, que ressuscitemos mortos, que sejamos capazes de entregar nosso corpo às chamas a fim de confessar nossa fé, se finalmente nada disso fôr feito em virtude da força que em última análise nos vem da Eucaristia, não tem valor cristão. Porque é ela, tão somente ela, que alimenta a caridade derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.

Por isso se diz que a Eucaristia é o centro e ápice da vida cristã: centro porque tudo fala dela, decorre dela ou para ela se ordena; ápice porque nela está o máximo daquilo que Deus faz por nós e o máximo do que podemos fazer em resposta a o que Deus faz por nós.

A Eucaristia possui esta virtude, mas depende de nós o fazer com que possa desdobrar todas as suas incríveis virtualidades. Em que medida? Na medida em que dela participarmos de maneira CONSCIENTE, ATIVA e PLENA com a ALMA e com o CORPO, animando esta participação com um FERVOR de FÉ, de ESPERANÇA e de CARIDADE. Esta é a participação ardentemente desejada pela Igreja e exigida pela própria natureza da celebração; ela constitui um direito e um dever do povo cristão em virtude de seu Batismo.

Ela é ação de Cristo e da Igreja, nela o sacerdote age sempre pela salvação do povo, mesmo quando a celebração não pode contar com a partici

pação dos fiéis. Nela o povo de Deus é convocado e reunido, sob a presidência do sacerdote que representa a pessoa de Cristo, representando-a não como um ausente, mas como alguém que, por meio deste sinal, se faz presente. Nela Cristo realmente se faz presente com força total: presente na reunião da assembléia que se reúne em seu nome, presente na pessoa do ministro, na sua palavra presente, de modo substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas. Presente na Palavra proclamada: quando se lêem as Escrituras, dentro da celebração, seja ela lida pelo sacerdote ou sob a presidência do sacerdote, o próprio Deus, pelos lábios da Igreja, fala ao seu povo.

14. Em todas as ações sagradas da liturgia cristã, devemos sempre distinguir o SINAL, a REALIDADE SIGNIFICADA pelo sinal e a FORÇA SIGNIFICATIVA do sinal. O sinal é a coisa sensível, corpórea e material que experimentamos com os nossos sentidos, por exemplo: o pão e o vinho, o povo reunido, a pessoa do ministro, a palavra lida, ou a leitura, a homilia proferida, a água derramada, o óleo com que se unge, a união conjugal do homem e da mulher (no caso do matrimônio), o ato de acusar-se e receber a sentença (no caso da penitência). A Realidade Significada é o "mistério" que nos é dado e nos atinge, contido dentro do sinal: um novo nascimento (Batismo) o crescimento batismal (Crisma), o alimento que alimenta o dinamismo batismal de entrega ao Senhor e aos irmãos (Eucaristia), o remédio que cura ou imuniza (Penitência), Cristo Senhor, Cabeça e Esposo da Igreja (Ordem), a Igreja e Cristo unidos como Esposa e Esposo na era presente do Reino (Matrimônio), a força física do Ressuscitado (Extrema Unção), etc... Na liturgia cristã, qualquer sinal está sempre carregado de uma graça, um mistério, um dom, uma intervenção divina, uma realidade invisível aos nossos olhos.

A Força Significativa do sinal é a expressão com que o sinal exprime a realidade que nos é da-

da: por exemplo, a capacidade do pão e vinho para significar alimento e bebida, a capacidade do óleo para significar a força, a capacidade da água para significar que lava, a capacidade do homem varão para significar o Esposo, a capacidade da mulher para significar a Esposa... etc.,etc...

Por isso o Sacramento da Ordem só pode ser recebido pela criatura do sexo masculino: porque ele visibiliza Cristo Esposo; a criatura do sexo feminino não tem capacidade para visibilizar o Esposo, o Pai. Pelo Sacramento da Ordem, Cristo que é esposo e pai, se visibiliza para nós na pessoa do ministro ordenado. É por isso que, de ordinário, em nossa língua, ele recebe o nome de padre, isto é, Pai. Nele temos a visibilidade sacramental do Senhor que é pai de nossas almas, e do Senhor que é Esposo de sua Igreja.

Ao pensar na força significativa do sinal, e que o sinal deixa de ser sinal quando perde sua força significativa (o pão e o vinho consagrados não contém mais a presença real quando se corrompem a tal ponto que não são mais pão e vinho), pensamos na importância dos gestos litúrgicos, mesmo os mais pequeninos: o reunir-se do povo, a maneira como o povo se reúne; o dirigir-se ao povo para ler, para falar, para servir à assembléia; o apresentar-se do ministro, a maneira como o recebemos, como o servimos no exercício de seu ministério, como o ouvimos e como o encarnamos; a arrumação do lugar, a distribuição das tarefas, o fazer tudo e tão somente aquilo que compete a cada um, sejam os ministros, sejam os membros da assembléia. Por exemplo: se derramo água nas mãos do ministro, eu exerço o meu sacerdócio real que é o de tornar presente o Cristo que é Servo da Igreja; se recebo a comunhão nos lábios e não nas mãos, eu estou dizendo com maior força de expressão que o Senhor, tão somente é quem me alimenta; se escuto com atenção àquêle que lê ou fala, estou dizendo que ao Senhor, tão somente presto os meus ouvidos, porque só ele, na verdade, me ensina.

É um erro tremendo, menosprezar os pequenos gestos, descuidar-se de aprimorar a visibilidade das coisas nas celebrações litúrgicas, desde a limpeza de tudo o que serve à celebração, desde a dignidade dos gestos com que se realizam os ritos, desde a consciência plena, ativa e consciente que se tem a realizar cada rito, desde a participação sempre mais plena com que se participa com a alma e com o corpo, até o decisivo e definitivo fervor de fé, de esperança e de caridade com que se anima tudo isso. Por aí se vê como não é fácil celebrar um rito litúrgico cristão. Ele exige que se tenha consciência ativa e plena das coisas que se fazem, e isto supõe que, em cada celebração, tomemos uma decisão, façamos uma opção: trata-se de um momento seríssimo, decisivo, que envolve algo tremendamente comprometedor em nossa vida. É mais do que tomar a decisão de fazer um importante negócio do qual depende tudo em nosso futuro, é mais do que decidir-se por um matrimônio com tal ou tal pessoa. Por causa de nossa negligência em levar a sério a força significativa do sinal, comprometemos a própria realidade significada, e daí, conforme o grau de nossa negligência, corremos o risco de receber a graça em vão e velar de impotência a própria onipotência. Por aí se explica porque a nossa vida, não obstante tantas e tantas graças, não muda nunca. Seremos julgados sobre esse ponto, com um julgamento incomparavelmente mais rigoroso do que aquele que serão julgados os que não foram instruídos e treinados na fé como nós o fomos.

## Cap. V - A LITURGIA DAS HORAS

15. O que dissemos a respeito da centralida-

de da Eucaristia, porque na vida cristã tudo se ordena para ela ou dela tudo decorre, vale em modo particular para a ação litúrgica própria da Liturgia das Horas: com mais clareza do que qualquer outra ação litúrgica, a Liturgia das Horas é pura e simplesmente expansão do Louvor da Eucaristia para as diversas horas do dia e da noite, e, ao mesmo tempo, preparação para a Celebração Eucarística que vem depois.

Queremos agora concentrar nossa atenção especificamente sobre a Liturgia das Horas. As Horas do Ofício divino são, precisamente, "litúrgicas". São ações "litúrgicas" como as demais ações litúrgicas, como os sacramentos: não são sacramentos, mas se inscrevem no âmbito da perspectiva sacramental.

Quando dizemos que são "ações litúrgicas" queremos dizer três coisas:

1) Antes de tudo queremos dizer que esta ação, antes e acima de tudo, é uma ação feita por Cristo glorificado, Senhor da Igreja. Nesta ação que executamos, o que acontece, antes e acima de tudo, é este maravilhoso acontecimento: o próprio Filho se envolve com o Pai no Envolvimento que é o Espírito. Faz isso em nós, conosco e por nós. Faz isso naquilo que fazemos e juntamente conosco no ato em que o fazemos: é o Filho que se Envolva com o Pai, sempre neste Envolvimento que é o Espírito Santo. Esta é a dimensão mais profunda, mais primitiva e arcana da Oração Cristã: a dimensão de FILIALIDADE. É este o primeiro motivo pelo qual se diz que uma ação é litúrgica, em sentido cristão. Este é o aspecto mais originário do mistério que tem lugar em nossas celebrações litúrgicas.

2) Em segundo lugar, queremos dizer que aquilo que fazemos nas ações litúrgicas antes e acima de tudo é uma ação feita pela Igreja, a Esposa de Cristo. Nesta ação que executamos, tudo o que acontece, antes e acima de tudo, é este outro maravilhoso acontecimento: a própria Igreja, isto é, a Esposa, se envolve com Cristo, o Esposo, no en-

volvimento que é o Espírito. Isso a Igreja faz em nós. Faz isso naquilo que fazemos e juntamente conosco, no ato que fazemos: é a Esposa que se envolve com o Esposo no Envolvimento que é o Espírito. Esta é outra dimensão maravilhosa da oração cristã: a dimensão de ESPONSALIDADE. Este é o segundo motivo pelo qual se diz que uma ação é litúrgica em sentido cristão. É isso que, em segundo lugar, e em íntima conexão com o primeiro, acontece em nossas celebrações litúrgicas.

3) Em terceiro lugar, queremos dizer que aquilo que fazemos nas ações litúrgicas não é apenas algo que nós fazemos, em nosso nome, mas é algo que todos os batizados fazem em nós, que nossos irmãos na fé fazem em nós, e mesmo que todas as criaturas, racionais e irracionais, animadas e inanimadas fazem em nós, e tudo o que fazemos o fazemos em nome de todos os nossos irmãos na fé, conforme o nosso maior ou menor grau de irmanação na vida de fé (os membros de nosso Instituto, por exemplo, estão mais presentes em nós), e mesmo em nome de todas as criaturas racionais e irracionais, animadas e inanimadas. Levamos para a nossa celebração toda a carga que pesa sobre os ombros de todo o mundo; colocamo-nos na presença do Senhor com tudo o que envolve nossos irmãos em suas existências terrenas; rezamos em nome deles: em nós torna-se presente, na presença do Senhor, os anseios e esperanças, os cansaços e frustrações, as vitórias e as realizações, os sofrimentos e as alegrias de todos os nossos irmãos. A dor e a alegria do mundo está em nós, na presença do Senhor e intercedemos pela salvação de todos e para que, na construção da cidade terrena, tudo seja feito no Senhor, para que não trabalhem em vão os que a constroem. Tudo isso acontece em cada ação litúrgica. Também em cada hora da Liturgia das Horas.

16. A Liturgia das Horas precisa tornar-se a forma privilegiada de nossa oração comunitária. En quanto elemento da vida eclesial, ela está íntimamente ligada à fé: é confissão ininterrupta de Deus Uno e Trino, fonte de todo o bem, e é memória

dos mistérios do Verbo que se fez Homem. Ela contém uma "teologia", a visão de conjunto do conteúdo da fé apresentada numa dimensão especificamente litúrgica. Toda a teologia da Igreja é lembrada nesta oração. Quem reza assim torna-se verdadeiramente teológico. Ela não é um sacramento em sentido estrito, mas faz parte da liturgia que, estando inserida na economia da salvação desejada por Cristo, é "sacramental". Ela dá aos crentes uma garantia de ortodoxia legítima na confissão da fé. Por ela recebemos uma "formação em teologia", formação segura, correta, ortodoxa, porque recebida por via oracional. Bebemos a doutrina sugando-a dos próprios seios de nossa mãe, a Igreja. Ela contém as riquezas objetivas de uma oração agradável a Deus, que toca o seu coração: nela o Filho se envolve com o Pai no envolvimento que é o Espírito; nela a Igreja (=a Esposa) se envolve com Cristo (=o Esposo) no envolvimento que é o Espírito; ela, todos os batizados, sobretudo os membros de nossa família espiritual, de nossa Igreja Particular, e mesmo todas as criaturas do universo, se envolvem conosco e nós nos envolvemos com elas no Envolvimento que é o Espírito.

A primeira preocupação de São Francisco de Assis, quando alguém pedia para ser admitido na sua família espiritual, era se o candidato professava ou não de maneira ortodoxa a fé ortodoxa da Santa Igreja Romana. Para admitir o candidato, primeiro é preciso que se verifique se ele professava ou não de maneira católica a fé cristã e os sacramentos da Igreja. Como fazer isso? Para São Francisco era simples: bastava observar se o candidato apreciava a liturgia das horas e a recitava segundo a maneira de recitar da Santa Igreja Romana. São Francisco estava certo. Por aí nós nos formamos verdadeiramente em teologia, não na teologia acadêmica dos estudiosos, mas na teologia vital que escorre para nós do Magistério da Igreja. É uma escola segura, quando todos os Institutos de Teologia não são seguros, principalmente quando neles o estudo da ciência teológica é cultivado com fraca vivência litúrgica.

17. A Liturgia das Horas é a Oração pública e comum do Povo de Deus. Fazer esta oração é uma das principais funções da Igreja. Celebrar a Liturgia das Horas é realizar uma das principais funções da Igreja. Quais são as funções principais da Igreja? São estas, segundo dizem os Atos dos Apóstolos, 2,42: "perseverar no ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações". Portanto se trata de algo que flui necessariamente do "ser-Igreja". Assim sendo, a Liturgia das Horas só pode ter nascido com o próprio nascimento da Igreja. É de fato, vendo a Igreja no seu nascimento, vemos que nossos irmãos, os primeiros cristãos, se entregavam a orações comuns em diversas horas do dia e da noite. Bem logo firmaram o costume de reservar tempos fixos à prece comum. Os primeiros destes tempos fixos foram a última hora do dia, quando acendia e se as cende a lâmpada; e a primeira hora do dia quando, saindo o sol, a noite finda. Para nós, desde muitos séculos, estas são as duas horas maiores de Laudes Matutinas e Vésperas. Começaram com elas.

Em seguida, foram criando o costume de santi ficar com a oração comum outras horas do dia. Os Santos Padres fizeram isso, mas sempre partindo das indicações que lemos nos Atos dos Apóstolos. - Dizem os Atos que os discípulos se achavam reunidos em oração à hora terceira (cf. At 2,1-15). Daí saiu a hora de Tércia. Noutro lugar os Atos dizem que Pedro subiu ao terraço para rezar pela hora sexta (cf. At 10,9). Daí saiu a hora de Sexta. Noutro lugar, dizem ainda que Pedro e João subiram ao templo para rezar à hora de oração, que era no na (cf. At 3,1). Daí saiu a hora de Nôa. Finalmente, dizem que "por volta da meia noite, Paulo e Silas, postos em oração, louvavam a Deus" (At 16,25). Daí saiu o Ofício das Leituras como ofício noturno. Apenas a hora de Completas não tem uma insinu ação clara nos Atos, e é uma Hora surgida em ambiente monástico, por obra de São Bento.

Com o correr dos séculos o costume se foi fi xando e se organizando melhor. Hoje temos a Litur



gia das Horas renovada e adaptada pelo Concílio Vaticano II à realidade da Igreja no mundo em que vivemos. Mas tudo nasceu no começo da Igreja, porque esta é uma das principais funções da Igreja, e por isso, só podia nascer com o próprio nascimento da Igreja.

18. Entretanto, sua fonte última está ainda mais para lá do nascimento da Igreja, do próprio constituir-se do ser-Igreja: está em Jesus. O próprio Verbo de Deus, fazendo-se homem, trouxe para este exílio terrestre aquele hino que é cantado para todo o sempre nas habitações celestes. O hino da Liturgia das Horas não teve origem terrena. Veio do alto. Veio com o Verbo de Deus que se fez Homem. Aquele mesmo hino que é cantado para todo o sempre nas habitações celestes agora, com a presença na terra do Filho de Deus, ressoa no coração de Jesus com palavras humanas de adoração, propiciação e intercessão. Mas ele dirige estas palavras ao Pai não apenas em seu próprio nome, mas como Cabeça da humanidade renovada, como Mediador de Deus e dos homens, em nome de todos, para o bem de todos. É um hino, portanto, que Ele canta em nós e por nós. É a oração que eleva ao Pai em nós e por nós. Nunca está só nesta oração: nós sempre estamos na oração dele e com ele na sua oração.

Lendo os Evangelhos, notamos os inúmeros exemplos de sua oração: vêmo-lo seguidamente a orar: quando o Pai revela a sua missão (cf. Lc 3, 21-22); antes de chamar os Apóstolos (cf. Lc 6,12); ao bendizer a Deus na multiplicação dos pães (cf. Mt 14,19; 15,36; Mc 6,41; 8,7; Lc 9,16; Jo 6,11); ao se transfigurar sobre o monte (cf. Lc 9,28-29); quando cura o surdo-mudo (cf. Mc 7,34); e ressuscita Lázaro (cf. Jo 11,41ss); antes de solicitar a confissão de Pedro (cf. Lc 9,18); antes de ensinar os discípulos como devem orar (cf. Lc 11,11); quando os discípulos voltam da missão (cf. Mt 11, 25ss; Lc 10,21ss); ao abençoar as crianças (cf. Mt 19,13); e quando roga por Pedro (cf. Lc 22,32).

Jesus desenvolvia uma atividade ligada à ora

ção, ou melhor, uma atividade que brotava da oração, retirando-se ao deserto para orar (cf. Mc 1, 35; 6,46; Lc 5,16; Mt 4,1; 14,23); levantando-se muito cedo (cf. Mc 1,35); ou permanecendo até a quarta vigília (cf. Mt 14,23.25; Mc 6,46.48); passando a noite em oração a Deus (cf. Lc 6,12).

Além disso, supõe-se fundadamente que ele mesmo tomou parte não só nas preces que publicamente se faziam nas sinagogas, onde "segundo o costume" (cf. Lc 4,16) entrou num sábado; e também nas do Templo, que ele chamou casa de oração (cf. Mt 21,13); mas também nas que os israelitas piedosos costumavam rezar em particular todos os dias. Disse também as bênçãos tradicionais das comidas, como expressamente se refere na multiplicação dos pães (cf. Mt 14,19; 15,36), em sua última ceia (cf. Mt 26,26) e na ceia de Emaús (cf. Lc 24, 30); igualmente cantou com seus discípulos o hino de costume (cf. Mt 26,30).

Até o fim de sua vida, aproximando-se já a paixão (cf. Jo 12,27ss), na última ceia (cf. Jo 17, 1-26), em sua agonia (cf. Mt 26,36-44) e na cruz (cf. Lc 23,34.46; Mt 27,46; Mc 15,34), o divino Mestre nos ensina que a oração foi a alma do seu ministério messiânico e de sua passagem pascal. Pois ele, "havendo oferecido nos dias de sua vida mortal orações e súplicas com grande clamor e lágrimas àquele que o podia salvar da morte, ao atender por causa de seu reverencial temor" (cf. Hb 5,7), e com sua oblação perfeita no altar da cruz "consumou para sempre os santificados" (Hb 10,14); finalmente, ressuscitado dentre os mortos, vive e ora sempre por nós (cf. Hb 7,25).

19. E Jesus, ao mesmo tempo, mandou que fizessemos o que ele fez: "Orai", disse muitas vezes, "rogai", "pedi" (cf. Mt 5,44; 7,7; 26,41; Mc 13,33; 14,38; Lc 6,28; 10,2; 11,9; 22,40.46), "em meu nome" (cf. Jo 14,13s; 15,16; 16,23s.26). Deixou-nos uma fórmula de oração no Pai nosso (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). Inculcou a necessidade da oração (cf. Lc 18,1) e que seja humilde (cf. Lc 18,9-

14), vigilante (cf. Lc 21,36; Mc 13,33), perseverante e confiante na bondade do Pai (cf. Lc 11,5-13; 18,1-8; Jo 14,13; 16,23), pura de intensão e adequada à natureza de Deus (cf. Mt 6,5-8; 23-14; Lc 20,47; Jo 4,23).

Seus Apóstolos também nos transmitiram muitas orações, sobretudo de louvor e ação de graças, e exortam-nos acerca da oração no Espírito Santo (cf. Rom 8,15.26; 1Cor 12,3; Gal 4,6; Jo 20), por Cristo (cf. 2Cor 1,20; Col 3,17), oferecida a Deus (cf. Hb 13,15) com insistência e assiduidade (cf. Rom 12,12; 1Cor 7,5; Ef 6,18; Col 4,2; 1Ts 5,17; 1Tim 5,5; 1Ped 4,7), acerca de sua eficácia santificadora (cf. 1Tim 4,5; Tg 5,15ss; 1Jo 3,22; 5,14s) assim como sobre a ação de louvor (cf. Ef 5,19; Hb 13,15; Apoc 19,5), de ação de graças (cf. Col 3,17; Fil 4,6; 1Ts 5,17; 1Tim 2,1), de petição (cf. Rom 8,26; Fil 4,6) e de intercessão por todos (cf. Rom 15,30; 1Tim 2,1s; 6,18; 1Ts 5,25; Tg 5,14.16).

20. Como resultado da conquista levada a efeito com a morte e a ressurreição de Jesus, estabelece-se estreitíssima relação entre ele e aqueles homens que, pelo sacramento da regeneração (= batismo), assume como membros de seu corpo, que é a Igreja. Por isso a Igreja é continuação de Cristo que ora. Este é o maior dom que recebemos: ser membros de seu Corpo. Por isso, ao falar com Deus:

- não separemos o Filho: quando o Corpo ora, não separe de si a cabeça;
- seja também o Filho de Deus que ore por nós, ore em nós e a quem oramos nós: ora por nós, porque é nosso Sacerdote; ora em nós por que é nossa Cabeça; a ele oramos nós, porque é nosso Deus.
- Reconheçamos nele, na sua voz, a nossa voz e reconheçamos em nossa voz a voz dele.

Portanto, a dignidade da oração cristã tem sua raiz no fato de ser participação na mesma piedade do Unigênito do Pai e naquela mesma oração

que ele lhe dirigiu durante sua vida terrestre e que agora continua, sem interrupção, em toda a vida da Igreja e em cada um de seus membros, em nome e pela salvação de todas as criaturas.

Isso acontece pela ação que o Espírito Santo produz em nós: a Igreja é povo reunido na Unidade do Pai e do Filho, ou seja, na Unidade que une o Pai e o Filho. As três dimensões da oração cristã são possíveis por esta ação do Espírito de Deus que age em nós:

FILIALIDADE - Nossa oração é cristã porque nela o Filho se envolve com o Pai no Envolvimento que é o Espírito. Em nossa voz o Pai ouve a voz do Filho bem amado.

ESPONSALIDADE - Nossa oração é cristã porque nela a Igreja, isto é, a Esposa, se envolve com Cristo, o Espôso, no Envolvimento que é o Espírito, sempre o Espírito, somente no Espírito. Em nossa voz o Senhor ouve a voz de sua Esposa bem amada.

FRATERNIDADE - Nossa oração é cristã porque nela todos os batizados, a começar pelos que estão mais próximos a cada um de nós, e mesmo todos os homens, e até todas as criaturas materiais animadas e inanimadas se envolve conosco no Envolvimento que é o Espírito. Todas as criaturas, principalmente todos os batizados, inclusive os que já se tornaram cidadãos da Jerusalém Celeste, estão em nossa voz no ato em que rezamos: rezam em nós, louvam, adoram, intercedem em nós.

Concluimos, portanto, que "orar sempre e com insistência" não é uma regra meramente legal, mas um fluir necessário que deriva da íntima essência do "ser Igreja". A unidade da Igreja é realidade possível na medida em que se apóia:

- na escuta da Palavra de Deus;
- na comunhão fraterna;
- na Eucaristia;
- na oração.

21. A Liturgia das Horas se caracteriza entre todas as demais ações litúrgicas porque por ela é consagrado todo o curso do dia e da noite. Sua finalidade é a santificação de toda a atividade humana e do dia: faz parte de seu espírito este "interromper" a atividade que estamos realizando a fim de rezar. Por que? Porque "se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem. É inútil tudo o que o homem faz se não fôr uma coisa construída pelo Senhor. Por isso interrompemos a atividade para rezar, não apenas em nosso nome, para tenha valor a atividade que fazemos, mas em nome de todos os batizados e mesmo de todos os homens, para que tenha valor tudo o que todos fazem.

Como todas as ações sagradas, em modo especial a Liturgia das Horas só pode ser entendida a partir do seu Núcleo, que é a celebração do mistério eucarístico, do qual é expansão e preparação insuperável: a Liturgia das Horas expande para as diversas horas do dia e da noite os louvores e ações de graças, o memorial dos mistérios, as petições e o ante-goza da glória que se encontra no sacrifício eucarístico; prepara insuperavelmente a celebração eucarística, porque excita e alimenta as disposições necessárias que nos conduzem a receber com maior abundância os seus frutos: fervor de fé, fervor de esperança e fervor de caridade. Os que recitam a Liturgia das Horas de maneira consciente, ativa e plena, são almas que giram ao redor da Eucaristia como de um polo magnético que os mantém sempre equidistantes do centro.

Por meio desta Liturgia Cristo exerce a obra da redenção humana e da perfeita glorificação do Pai: Ele mesmo se faz presente na reunião da Assembléia, na proclamação da Palavra, na Igreja que suplica e salmódia. Por outro lado, por meio desta Liturgia também se efetua a santificação do homem (= isto é, Deus intervém no homem por esta ação litúrgica e o santifica) e se exerce a doação do homem (= a resposta do homem à intervenção divina), porque nela se estabelece um intercâmbio

ou diálogo (= estrutura dialogal) entre Deus e seu povo pelo qual:

- Deus fala ao povo em Cristo;
- o povo responde a Deus com Cristo e por Cristo impelido pelo Espírito.

22. Por isso os que participam da Liturgia das Horas dela bebem abundantíssima santificação: quando a Igreja ora e canta, nesta Liturgia, alimenta-se a fé dos participantes, seus pensamentos se dirigem para Deus e eles recebem em grande abundância a sua graça.

a) Nela a Igreja exerce a função sacerdotal de sua Cabeça: esta Liturgia é oração de Cristo com seu próprio Corpo ao Pai. Os que assim rezam, exercem o ofício da Igreja, participam da hora suprema da Esposa de Cristo, porque ficam diante do trono de Deus em nome da Mãe Igreja.

b) Nela a Igreja se associa ao canto que é cantado para todo o sempre nas habitações celestes e antegoza o louvor celestial descrito por João no Apocalipse. Esta liturgia celestial foi anunciada pelos profetas como a vitória do dia sem noite, da luz sem trevas: "O sol não será a tua luz de cada dia nem o clarão da lua de alumiará; mas o próprio Senhor será para ti luz perene" (Is 60,19; cf. Apoc 21,23.25). "Será um dia singular, conhecido pelo Senhor, sem alternativas de dia e de noite. Pela tarde brilhará a luz" (Zc 14 7). A era final do mundo já chegou até nós (cf. 1Cor 10,11) e a renovação do mundo foi irrevogavelmente decretada e de um certo modo real já é antecipada na terra (LG 48). Na Liturgia das Horas proclamamos esta fé, expressamos e alimentamos esta esperança e de certo modo participamos já do gozo do ouvor perpétuo e do dia que não conhece ocaso.

c) Nela a Igreja transmite a Deus os sentimentos e desejos de todos os fiéis cristãos; roga a Cristo, e por ele ao Pai, pela salvação do mundo. Esta voz não é só da Igreja, mas também de

Cristo. Por isso:

d) Nela a Igreja prolonga aquelas preces e súplicas que Cristo expressou em sua vida mortal, e daí a sua eficácia sem par. Por isso:

e) Nela a comunidade eclesial exerce uma maternidade verdadeira para com as almas que deve levar a Cristo. Faz isso não só com a caridade, o exemplo e as obras de misericórdia, mas também com a oração.

Consequentemente, os que tomam parte na Liturgia das Horas aumentam o povo de Deus por uma misteriosa fecundidade. Porque o objetivo da ação apostólica é este: "que todos, feitos pela fé e pelo batismo filhos de Deus, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem do sacrifício eucarístico e comam a ceia do Senhor.

Para que esta oração seja algo próprio de cada um e se torne fonte de piedade, da multiforme graça divina, e alimento da oração individual, e da ação apostólica, é preciso que celebrando-a digna, atenta e devotamente, a mente esteja de acordo com a voz. Todos cooperem com a graça divina para não recebê-la em vão.

## Cap. VI - OS QUE CELEBRAM A LITURGIA DAS HORAS

23. A Liturgia das Horas - como as demais ações litúrgicas, - não é uma oração privada, mas uma oração que pertence, manifesta e atinge todo o Corpo da Igreja. Os fiéis que recitam esta Liturgia, o fazem porque são chamados a rezá-la, a fim de manifestar a Igreja que celebra o mistério de Cristo. Este caráter eclesial se manifesta

principalmente quando a Igreja particular a realiza com seu Bispo, rodeado de seus presbíteros e ministros. Temos então, com maior força significativa de sinal, a visibilidade de Cristo Cabeça que, com todo o seu Corpo, se dirige ao Pai. Esta norma vale, respeitadas as devidas proporções, sempre que nos reunimos para rezar ao redor de al-guém investido do mandato e da missão para nos conduzir em nome do Senhor: o povo de uma paró-quia ao redor do Padre que é seu Pastor, seu Pai e seu Mestre; os membros de uma Fraternidade de pessoas consagradas ao redor de seus Moderadores; os filhos e a mãe, em cada lar cristão, ao redor do Pai. Todo o povo de Deus precisa perceber este mistério, ser instruído a respeito desta verdade e usufruir das riquezas desta oração eclesial.

Os que receberam a Sagrada Ordenação e todos os que na Igreja receberam o encargo de conduzir almas em nome do Senhor tem por função, em virtude desta mesma missão, convocar e dirigir a ora-ção da comunidade. É um dos aspectos essenciais da missão que lhes foi confiada. Devem trabalhar para que todos os que estão sob seus cuidados ví-vam unânimes na oração. Devem convidar os fiéis, formá-los com a devida catequese para a oração co-munitária das horas, principalmente nos domingos e festas. Devem ensinar-lhes a participar desta Liturgia de tal modo que façam autêntica ora-ção. Por isso devem ajudá-los com a devida instrução a entender os salmos em sentido cristão, de modo que pouco a pouco sejam levados a maior gosto e práti-ca da oração da Igreja.

As Fraternidades de vida consagrada pela pro-fissão dos Conselhos que recitam as Horas Litúrgi-cas em virtude de um mandato contido na Regra ou nas Constituições, representam de modo especial a Igreja orante, principalmente quando se tratam de Fraternidades de vida contemplativa: estas Fraternidades mostram mais plenamente a imagem da Igreja Esposa que, sem interrupção e com unanimidade, louva o Senhor. Elas colaboram assim, com a ora-ção, na edificação e no crescimento do Corpo Místico de Cristo e no bem das Igrejas Locais.



Os pastores da Igreja, em modo particular, quando se reúnem, seja lá qual fôr o motivo de sua reunião, não devem deixar de recitar pelo menos Laudes e Vésperas em comum: a reunião deles para fazer esta oração carrega-se de especial força significativa por causa da missão que receberam e da graça de sua Ordenação: com peculiar "sacramentalidade" a oração deles é oração do Pai pelos filhos, do Pastor pelas ovelhas, do Mestre pelos discípulos.

A Igreja, finalmente, pede para que todos os fiéis, mesmo simples leigos, em qualquer lugar que se encontrem reunidos, cumpram esta sua função celebrando parte da Liturgia das Horas, seja lá qual fôr a causa pela qual se reuniram: oração, apostolado ou outra. Pois convém que todos aprendam a adorar a Deus Pai em espírito e em verdade antes de tudo na ação litúrgica, e tenham presente que todo o culto público e com a oração atinge todos os homens e podem fazer muito pela salvação de todo o mundo.

A Igreja pede, inclusive, que a família, como seu santuário doméstico, não apenas reze a Deus em comum, mas que também celebre algumas partes da Liturgia das Horas segundo pareça oportuno, pelo que ela se inserirá mais intimamente na Igreja.

24. Aos Pastores da Igreja é confiada tão particularmente a Liturgia das Horas que eles deverão celebrá-la sempre, mesmo que não contem com a participação do povo. A Igreja os encarrega de modo particular este Ofício Divino, a fim de que esta missão de toda a comunidade seja desempenhada de modo constante ao menos por eles, e assim a oração de Cristo continua sem cessar na Igreja. Na voz deles temos a visibilidade, da oração de Cristo sacerdote por todo o gênero humano.

Esta obrigação atinge em primeiro lugar o Bispo o qual, representando Cristo de modo eminente e visível, é o grande sacerdote do rebanho,

de quem em certo modo deriva e depende a vida de seus fiéis em Cristo. Entre todos os membros de sua Igreja, o Bispo deve ser o primeiro orante. Sua oração, ao recitar a Liturgia das Horas, faz-se sempre em nome da Igreja e pela Igreja que lhe foi confiada.

Ao lado do Bispo, esta obrigação atingem em Particular o Presbítero, porque também ele é representante especial de Cristo Sacerdote. Quando reza a oração das Horas temos nele, com particular força significativa, a visibilidade de Cristo Sacerdote que reza por todo o povo que ele conquistou. Os Pastores da Igreja, quando cumprem esta função, representam o Bom Pastor que roga pelos seus para que tenham a vida e sejam perfeitos na unidade. Na Liturgia das Horas que a Igreja lhes oferece, eles não encontram apenas uma fonte de piedade e alimento de sua oração pessoal, mas com a abundância da contemplação alimentam e fomentam sua atividade pastoral e missionária para o conforto de toda a Igreja de Deus. Eles devem, portanto, cada dia, cumprir o curso íntegro da Liturgia das Horas observando, na medida do possível, a verdade das horas. Devem conceder, antes de tudo, a devida importância a Laudes e Vésperas, que são o eixo desta liturgia. Devem ter o cuidado para não omitir estas horas, a não ser por causa grave. Eles devem dar também particular importância ao Ofício das Leituras, porque se trata da celebração litúrgica da Palavra pela qual precisam se tensionar a fim de pregá-la com mais eficácia. Eles assim, antes de pregar aos outros, acolhem em si a Palavra de Deus e se tornam mais perfeitos discípulos do Senhor e saboreiam mais profundamente as insondáveis riquezas de Cristo.

25. Depois dos Pastores da Igreja, a obrigação da Liturgia das Horas envolve de maneira particular as pessoas consagradas pela consagração virginal ou consagração pela profissão dos conselhos. Porque por esta consagração o "ser Igreja" se tornou mais denso e compacto em suas vidas. É por esta oração que eles se farão capazes de dar

testemunho ao mundo da universal reconciliação em Cristo: é pela virtude desta oração, desenvolvida ao redor do núcleo da celebração eucarística, que eles se "irmanam" como irmãos que alimenta os vínculos que contraíram um com o outro em virtude dos votos sagrados, que os faz "irmãos" e assim co-labora para que todos os dispersos tenham um só coração e uma só alma. Nos lábios dos Pastores da Igreja a Liturgia das Horas se destaca pela força significativa da oração do Pastor pelas ovelhas, do Pai pelos filhos, do Mestre pelos discípulos; é a oração de Jesus Sacerdote, que sempre reza por nós, tornada visível no ministério deles; nos lábios das pessoas consagradas pela consagração virginal ou profissão dos conselhos, em vez, a Liturgia das Horas se destaca mais pela força significativa da voz da Esposa que fala ao Esposo e como a voz do irmão que assume o seu irmão.

26. Tanto na celebração comunitária como na recitação solitária, permanece a estrutura essencial desta Liturgia, que é o diálogo entre Deus e os homens. Entretanto a celebração comunitária manifesta com maior força significativa a natureza eclesial desta oração, o fato de ser oração de Cristo com todo o seu Corpo ao Pai, o fato de ser oração da Esposa que fala ao Esposo, o fato de oração dos irmãos que se envolvem com seus irmãos. Por conseguinte sempre que a celebração possa ser feita comunitariamente, deve simplesmente ser preferida à celebração individual. É um contra-senso proceder contrariamente: a celebração comunitária deve sempre ser preferida à recitação individual e às orações privadas. E mesmo na recitação comunitária pode-se tornar mais ou menos saliente esta sua "comunitariedade", como, por exemplo, cantando os salmos, distribuindo de maneira mais variada as diversas partes da recitação entre os participantes, dando importância aos gestos comuns, à disposição do local da celebração, dos objetos que servem à celebração, numa palavra, tudo o que significa com mais força significativa, a realidade de um povo reunido por Deus.

## Cap. VII - AS HORAS DA LITURGIA DAS HORAS E SEUS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

27. Dissemos que a Liturgia das Horas, entre todas as ações litúrgicas da Igreja, se caracteriza pelo fato de por ela se consagrar todo o curso do dia e da noite. Ela tem por objetivo santificar o dia e a atividade humana: interrompemos o que fazemos a fim de nos reunir para rezar porque se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalharão os que a constroem (cf. Sl 126). Por isso cada Hora da Liturgia das Horas tem sua "hora", seu tempo natural dentro do tempo cósmico.

As coordenadas fundamentais do mundo são o tempo e o espaço. Mas, para o homem, por causa da consciência, o tempo é anterior ao espaço. O tempo é o lugar da história humana e da aliança com Deus. Deus criou o espaço e o mundo dentro do tempo, "no princípio" e nos dias da criação.

De modo especial no centro da história humana e da aliança com Deus encontramos a suprema obra, a suprema bênção e a suprema herança: Jesus Cristo. Por isso exclamamos: "Bendito sejais vós, Deus nosso Pai, que nos abençoastes em Cristo" (Ef 1,3-10). Por isso a Igreja procura santificar o tempo, abençoando-o e invocando a intervenção divina no seu fluir, para que tudo aconteça de maneira que lhe agrade e segundo os seus desígnios. Na Igreja, a invocação da intervenção divina sobre o tempo e a bênção do tempo predomina sobre a bênção do espaço e a invocação da intervenção divina sobre o espaço. O Ano Litúrgico é um tempo que estende a Páscoa para o ano todo nas celebrações dos mistérios de Cristo. Ao longo de todo o ano somos conduzidos a penetrar no mistério em seus grandes momentos históricos pascais: o Natal, a Paixão, a Ressurreição, a Elevação, Pentecostes.

O Ano Litúrgico se concretiza na Liturgia das Horas ao redor da Eucaristia dominical e diária. Assim diariamente invocamos a intervenção divina sobre o tempo em que penetramos e sobre a atividade que nele desenvolvemos e assim experimentamos a bênção e a intervenção de Deus em nossa história pessoal: sobre a vida que vivemos, sobre aquilo que fazemos porque então, misteriosamente, a vida que vivemos e aquilo que fazemos passam a ser algo que vivemos e fazemos porque chamados e enviados por Deus a fim de viver e de fazer. É por este meio que a casa do mundo que construímos com nossas mãos passa a ser uma casa edificada por Deus, e a obra de nossas mãos se convertem na obra feita pelas mãos de Deus, obra do Senhor, admirável aos nossos olhos. Podemos, então, olhar para tudo o que produzimos e constatar: "Isto é obra do Senhor, admirável aos nossos olhos!".

28. Estamos ainda na carne, isto é, estamos exilados do louvor perfeito e da comunhão perfeita, na alegria, na esperança e na saudade de peregrinos. Por isso necessitamos corporalmente de tempos de oração. Estes tempos ou momentos são "horas-símbolos" que perpassam e condensam nosso dia, a semana, o ano, para santificar nossa realidade de um rezar sem cessar. Recolhemo-nos em determinadas horas, para nos guardar na presença de Deus, para manter vívido em nós, sensibilizado e desperto o nosso tensionar-nos e tender para Deus como a flecha disparada para o seu alvo, na esperança, como um guarda vigilante que fica desperto, que vigia, fazendo hora até o raiar da clareza da manhã. Mais do que qualquer guarda que tem certeza de que a aurora vai chegar, nós temos certeza de que o dia de Deus virá e será definitivo. Quando virá? Na hora de Deus. Deus também tem hora!

"Hora" não é, originariamente, um tempo mecânico e neutro de relógio, mas é tempo propício de algum momento marcante. É momento em que algo de totalmente decisivo está para acontecer. O Evange-

lho de João é a narração da Hora de Jesus: "Mulher, ainda não é chegada a minha hora" (Jo 2,4), "e não puderam pegá-lo pois não era ainda chegada à sua hora" (Jo 8,20); "Pai, salva-me desta hora! Mas foi para esta hora que eu vim" (Jo 12,27); "e sabendo Jesus que era chegada a sua hora..." (Jo 13,1). Que hora é esta? A hora fixada pelos desígnios do Pai. Diante dos parentes que querem forçá-lo a ir para Jerusalém e fazer lá os seus milagres, Jesus revela a sua dependência, em contraposição ao homem que pretende apropriar-se do tempo e de sua existência histórica e finita: "Minha hora ainda não chegou; a vossa, porém, está sempre disponível" (Jo 7,6). Jesus se abandonou à inelutabilidade de ter que fazer "hora", vigiar e esperar o sinal da Hora do Pai, o momento propício, pleno, amadurecido. Só a humildade perseverante e a obediência fiel de quem se esvaziou de si mesmo pode sintonizar-se com a Hora de Deus.

29. Como toda a liturgia cristã, a Liturgia das Horas segue a estrutura humana do encontro entre pessoas: CONVITE (= reconhecimento, saudação, alegria, entrada); PALAVRA (= salmos, leituras, conversa e troca de intimidades); CEIA (= Eucaristia, sinal de união); DESPEDIDA (= augúrios, bênçãos). O encontro obedece a um ritmo que deve ser respeitado. Não se chega e nem se deve sair "de repente". Há necessidade de ambientação e gradatividade.

A Liturgia das Horas consta dos seguintes elementos: convite, hino, salmos, antífonas, leituras, responsório, cântico evangélico, preces, oração conclusiva, silêncio sagrado, canto, diversidade de funções.

CONVITE - Longo pela manhã, no início do Ofício que ocorre por primeiro no dia, breve nas demais Horas. Tem por finalidade introduzir-nos na presença de Deus. Ao "Glória" pode haver uma inclinação da cabeça que saúda.

HINOS - São elementos que reúnem, apresentam e abrem a Hora. Dão o "tom" da Hora, do dia e da

época do ano. Fazem uma primeira ambientação, com atitude vibrante, densa, feita de pé. Constituem a parte mais poética da Liturgia das Horas. Por e les nos situamos nas horas do dia e por isso se-  
ria um disparate dizer, por exemplo, o hino de Laudes à tarde ou à noite.

SALMOS - São uma ambientação mais aprofundada. São o discorrer do encontro. Quem salmodia sabiamente, percorrerá versículo por versículo, meditando um após o outro, de coração sempre pronto para responder tal como quer o Espírito. Não podemos e nem devemos querer esgotar o sentido de cada salmo. Podemos, às vezes, contentar-nos em fazer de suas palavras apenas "sustentação" de algum versículo especial, contentando-nos em estar diante de Deus. Na maneira de recitá-los, é possível uma grande variedade: que todos rezem tudo, ou dois coros recitam alternando-se por versos ou es trofes, ou um salmista declama enquanto todos escutam, ou um solista reza uma parte e todos rezam a outra, ou dois solistas juntos ou alternados recitam o salmo com proclamação de um verso responsorial ou da antífona por todos etc.

ANTÍFONAS - Geralmente todos os Salmos trazem um título ao qual se segue um verso do Novo Testamento sugerindo a interpretação do Salmo na perspectiva de Cristo. Entretanto são as antífonas que mais se prestam para nos auxiliar na interpretação dos salmos. Elas nos ajudam a concentrar a atenção sobre algo que resume o salmo, que é central no salmo, e por isso volta como estribilho. Ajudam a ilustrar o gênero literário do Salmo. Fazem do salmo uma oração pessoal, acentuam alguma frase especialmente digna de atenção. Conferem um matiz especial a determinado salmo em certas circunstâncias.

LEITURAS - São o centro, a culminância da Liturgia das Horas. Somos levados e concentrados pe los Salmos até estar, neste momento, de ouvidos a tentos a Deus que nos fala. Convém que o Leitor a proclame de modo solene. O que é importante é fei

to com solenidade, e a solenidade faz perceber a importância. Se a celebração da Hora é feita no mesmo lugar em que se celebra a Eucaristia, usa-se a mesma Mesa da Palavra, o ambão ou estante, de pé, diante da Assembléia. A Leitura da Sagrada Escritura deve ser tida em alta estima por todos os cristãos, porque a própria Igreja a propõe, não segundo a escolha ou preferências de pessoas particulares, mas em função do mistério que a Esposa de Cristo revela no decorrer do ano, desde a Encarnação e Natividade até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor. Por isso na celebração litúrgica a oração acompanha sempre a leitura da Sagrada Escritura para que dê mais abundante fruto e a oração, por sua vez, especialmente dos salmos, em virtude da Leitura, se compreenda de modo mais pleno e se torne mais fervorosa.

Na Liturgia das Horas, além da Escritura, nos são propostas também Leituras dos santos Padres e Escritores Eclesiásticos. Representam as páginas mais preciosas da história do homem com Deus e da espiritualidade da Igreja. Somos, assim, alimentados e instruídos com solicitude materna pela mesma Igreja com quem e por quem rezamos. Com o contacto assíduo destes documentos que a tradição da Igreja universal oferece, somos levados a uma meditação mais profunda da Sagrada Escritura e a um suave e vivo afeto por ela. Os escritos dos Santos Padres são testemunhas ilustres daquela meditação da Palavra de Deus, produzida através dos séculos, pela qual a Esposa do Verbo Encarnado, a Igreja, que tem consigo o conselho e o espírito de seu Esposo e de seu Deus, se esforça por alcançar uma compreensão cada vez mais profunda das Sagradas Escrituras. A leitura dos Padres introduz também os cristãos no sentido dos tempos e festas litúrgicas. Além disso lhes oferece acesso às imensas riquezas espirituais que são o grande patrimônio da Igreja e oferecem ao mesmo tempo o fundamento da vida espiritual e riquíssimo alimento de piedade. Os arautos da Palavra de Deus en-



tram assim em contacto diário com ilustres exemplos da pregação sagrada.

RESPONSÓRIOS - São nossa resposta à Palavra de Deus proferida na Leitura. Eles sustentam a meditação e incitam à resposta. Trazem nova luz para entender a leitura que foi proclamada, situando-a na história da salvação, ou conduzindo-a do Antigo ao Novo Testamento, ou transformando a Leitura em oração e contemplação.

CÂNTICOS EVANGÉLICOS - O de Zacarias, o de Maria e o de Simeão: temos neles os maiores exemplos de resposta da criatura à intervenção divina, à Hora da salvação. A resposta deles encabeça a nossa resposta.

PRECES - A Liturgia das Horas celebra na verdade o louvor divino. Mas a Igreja não dissocia a oração de petição do louvor divino e com frequência faz derivar esta daquela. O Apóstolo Paulo exorta a fazer súplicas, orações, petições, ações de graças por todos os homens: "pelos reis e por todos aqueles que têm autoridade, para que tenhamos vida calma e tranqüila com toda a piedade e honestidade. Isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tim 2,1-4). Estas recomendações foram interpretadas pelos Santos Padres no sentido de fazer intercessões de manhã e à tarde. Nas Vésperas, as preces são intercessões, como na Missa. Em Laudes têm o sentido de recomendar o dia a Deus, invocando-o para que tudo o que fizemos seja consagrado ao louvor de sua glória. Como no Pai Nosso, convém que às petições se una o louvor a Deus ou a confissão de sua glória, ou a lembrança da história da salvação. Sendo a Liturgia das Horas de modo especial a oração de toda a Igreja e por toda a Igreja e ainda para a salvação de todo o mundo, convém que nas preces as intenções universais ocupem absolutamente o primeiro lugar, quer se reze pela Igreja com suas diversas ordens, pelas autoridades civis, pelos que sofrem a pobreza, en-

fermidade ou tristeza e pelas necessidades de todo o mundo, tais como a paz ou outras intenções semelhantes. As preces de Laudes e Vésperas são coroadas pela recitação das preces exemplares do Pai Nosso.

**ORAÇÃO CONCLUSIVA** - Completam a teologia e espiritualidade da Hora, do dia ou do ano contida no Hino: é a idéia do início do encontro que aparece de novo no final, quando está para se concluir. É presidencial e proclamada em nome de todos. Os participantes podem conservar-se inclinados.

**SILÊNCIO SAGRADO** - Tem por finalidade facilitar a plena ressonância da voz do Espírito nos corações e unir mais estreitamente a oração pessoal com a Palavra de Deus e com a voz pública da Igreja: no silêncio o Espírito age, no silêncio o Espírito inspira, no silêncio o Espírito sustenta. Pode ser feito após cada salmo, tendo repetido a antífona, após as leituras, antes ou depois do responsório. Contudo deve-se evitar introduzir um silêncio que deforme a estrutura do Ofício, ou que ocasione mal-estar ou tédio aos participantes. O mal estar do silêncio pode ser causado pela surpresa de um silêncio inesperado, imposto sem ritmo na celebração.

**CANTO** - A Liturgia das Horas ganha maior expressão de força significativa se for cantada, exceto a Leitura, que é essencialmente proclamação. A celebração do Ofício com canto, por ser mais conforme a natureza desta oração e sinal de maior solenidade e de mais profunda união dos corações, no louvor a Deus, é vivamente recomendada aos que celebram a Liturgia das Horas. O que o Concílio Vaticano II disse do canto para qualquer ação litúrgica em geral, vale de modo particular para a Liturgia das Horas. O canto, neste caso, não deve ser considerado como um adorno, como que acrescentado extrinsecamente à oração, mas como algo que brota do mais profundo da alma que reza e louva a Deus e manifesta plena e perfeitamente o caráter comunitário da liturgia cristã. São dignos de lou-

vor aqueles que se esforçam em rezar dessa forma o mais frequentemente possível.

DIVERSIDADE DAS FUNÇÕES - As diferenças de funções devem ser guardadas para que se exprima com mais força significativa a unidade e pluriformidade do organismo eclesial. Daí: Presidente, Antifonários, Salmistas, Leitores. Procissão de entrada, símbolos ambientais, principalmente a luz dão mais expressividade.

## Cap. VIII - LAUDES MATUTINAS

30. A primeira Hora Litúrgica recitada no início do dia - Laudes ou Ofício das Leituras -, é antecedida pelo INVITATÓRIO. Trata-se de um convite longo e mais solene. Inicia-se pelo verso: "A-bri, Senhor, os meus lábios...", seguido do "Gloria ao Pai...". A antífona do Invitatório é repetida de maneira responsorial, intercalando-se entre os versos do salmo 94, que pode ser substituído pelo salmo 99, ou 66 ou 23. Com isso nós somos convidados todos os dias a cantar os louvores de Deus, escutar sua voz e desejar o "descanso do Senhor", e preparamos a mente e o coração para o louvor, para a escuta da Palavra de Deus e para desejar o "descanso do Senhor". A antífona do Invitatório, nas festas e solenidades, nos tempos do Advento, do Natal, da Quaresma e da Páscoa, chama nossa atenção para a idéia litúrgica central do dia ou da época.

Ao recitar o Invitatório devemos avivar a consciência de que todas as criaturas estarão presentes em nosso louvor: todas se fazem presentes em nós, e podemos reconhecer em nossa voz a voz de todas e cada uma delas. Enquanto os lábios re

citam as palavras do texto litúrgico deve dirigir a todas as criaturas um convite ardoroso para que todas rezem, louvem, adorem, rendam graças e intercedam conosco e em nós. Devemos dirigir este convite aos nossos irmãos que já fazem parte da Igreja celeste: e eles aceitam infalivelmente nosso convite, e sem mais se fazem presentes em nossa voz e nos ajudam com sua intercessão no desempenho de nossa missão de rezar com a Igreja, pela Igreja e em nome da Igreja. Dirigimos este convite a todos os batizados, na medida de sua proximidade e envolvimento conosco no dia a dia de nossa vida. Dirigimos depois a todos os homens os quais, mesmo que não aceitem, não podem impedir que fiquemos diante do Senhor também em nome deles e que sua voz esteja presente em nossa voz. Finalmente o nosso convite é dirigido às criaturas irracionais, animadas e inanimadas: todo o júbilo e todo o estremecimento do universo material estará ressoando em nossa voz, para o louvor da glória de Deus que o criou. Devemos dirigir este convite também aos nossos sentidos e faculdades para que, durante o louvor, não nos distraiam e colaborem para que todo o nosso ser se tensione para Deus como o ser do amante se tensiona para o ser do amado.

31. Laudes Matutinas se destinam e ordenam à santificação do tempo da manhã. Este caráter matutino assim é expresso por São Basílio Magno: "A oração da manhã tem por finalidade exprimir os primeiros impulsos da alma para Deus no romper da aurora. Com ela consagramos a Deus os primeiros movimentos de nossa alma e de nossa mente e, antes de nos ocuparmos com qualquer outra coisa, deixamos que o nosso coração se regozije pensando em Deus, segundo está escrito: 'Dei-me conta de Deus e me alegrei' (Sl 67), pois o corpo não se deve entregar ao trabalho sem que antes tenham cumprido o que diz a Escritura: 'É a vós que eu invoco, Senhor, desde a manhã; escutai-me, porque desde o raiar da aurora vos apresento a minha súplica e espero' (Sl 5).

Além disso esta Hora, que é celebrada ao chegar a luz, evoca a Ressurreição do Senhor Jesus, que é "a luz verdadeira que ilumina todo o homem" (Jo 1,9) e o "sol de justiça" (Mal 4,2) "que nasce do alto" (Lc 1,78). São Cipriano assim nos admoesta: "Deve-se rezar pela manhã para que pela oração matinal seja celebrada a Ressurreição do Senhor". Esta celebração da luz da Ressurreição de Cristo aparece principalmente nos hinos.

A Salmodia de Laudes consta de um salmo matinal, um Cântico do AT e um Salmo de Louvor. O Salmo matinal de ordinário põe em destaque o amor de Deus: "amor de benevolência" (= Eu te quero bem, ó Senhor!), "amor de complacência" (= Eu me alegro em ti, ó Senhor!), "amor aspirativo" (= Minha alma tem sede de ti, ó Senhor!), "amor de preferência" (= Teu amor, Senhor vale para mim mais do que a vida!), "amor de conformidade" (= Ensina-me, Senhor, a fazer tua vontade, mostra-me teus caminhos, guia-me nas tuas veredas!). São estes, principalmente, os primeiros impulsos de nossa alma para Deus que buscamos exprimir no romper da aurora. Em Laudes a alma se esforça a fim de se tensionar para Deus. Começando um novo dia, que é uma nova chance que nos é dada, como que uma nova existência, um nascer de novo, esforçamo-nos para que tudo em nosso ser se tensione para Deus e ao longo desta nova existência representada pelo novo dia, se mantenha direcionado para Deus como flecha disparada para o alvo. Mais do que qualquer outra Hora, Laudes supõe a realidade da alma apaixonada por Deus, o coração enamorado pelo Senhor, Francisco de Assis diante do universo, maravilhado, transbordando de gratidão pelas dádivas do Senhor que o inundam. Assim deve ser a existência do homem redimido em Cristo.

O louvor de Laudes matutinas chega ao clímax na recitação do Cântico de Zacarias, que abrange duas partes: nos oito primeiros versos, louvamos e agradecemos ao Redentor que veio resgatar o gênero humano e, com ele, toda a criação, celebrada em muitos salmos e cânticos de Laudes, sobretudo

no Cântico de Daniel que é recitado aos Domingos (= Cântico dos três jovens na fornalha); nos últimos versos proclamamos a missão do grande João Batista, o Arauto por excelência do Senhor, encarregado de lhe aplinar os caminhos. O cristão não deve nunca recitar este cântico sem pensar na glória de sua vocação cristã: todo o cristão, pelo batismo e mais especialmente pelo crisma, foi enviado ao mundo para nele preparar os caminhos do Senhor, convidando e estimulando a que todos endireitem suas veredas. Faz isso com a palavra, com a oração, com o testemunho e com o sacrifício.

O Ofício de Laudes se conclui com as Preces de invocação que têm por finalidade consagrar o dia e o trabalho. A bênção final significa que entramos no novo dia em nome do Senhor e enviados pelo Senhor que nos deu esta nova chance e nos chama a esta nova existência com uma tarefa bem precisa para cumprir. Viveremos cada dia no espírito de Laudes na medida em que ao longo do mesmo todo o nosso ser se conservar tensionado para Deus, reservando só para ele os espaços profundos do nosso ser.

32. Laudes matutinas consagram as primeiras horas do dia a Deus Criador. Sua motivação principal é o retorno da luz que evoca a ressurreição de Cristo e sua presença contínua na Igreja. O dia nascente lembra, antes de mais nada, a bondade e a harmonia da criação. Ele aparece triunfalmente, depois da luta contra a noite. Ao ver o sol, portanto, o astro do dia, saudamos e invocamos Cristo, o Senhor, como Criador da luz. Ele é a verdadeira luz sem sombras, sem declínio, que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Além disso a aurora evoca irresistivelmente a manhã da Páscoa, o primeiro dia do mundo novo, nascido da redenção. O sol é o símbolo de Jesus ressuscitado ressurgindo da tumba. A luz resplandecente do sol é símbolo da luz dos espíritos e dos corações: Jesus Cristo, doador da luz e da graça. Aquele que a Igreja contempla, na sua fulgurante majestade, é o Verbo eterno de Deus que o Pai faz assentar-se à sua di

- 50 -

reita; depois da ressurreição gloriosa; "Ó Esplendor do Pai, ó Luz da Luz divina, Fonte de Luz, és dia, que aos dias iluminas". Os hinos de Laudes matutinas sempre se caracterizam pelo tema da vitória do dia sobre a noite, o triunfo de Cristo sobre a morte, o pecado e satanaz. As orações conclusivas também repisam estes temas: "Que a luz do Ressuscitado penetre em nossos corações e aumente-nos a fé, quando o fogo interior, acendido pelo dom gracioso do Senhor, é ameaçado pelo vento das tentações"; "Nas trevas do mundo presente a ressurreição de Cristo ilumina os homens de fé e os conduz à luz eterna, onde reside o Senhor da glória". Com efeito, é no dinamismo da ressurreição que encontramos força para evitar o pecado e praticar a justiça. Por isso é a memória da ressurreição do Senhor que santifica a Hora de Laudes.

Além disso, o novo dia que começa em cada manhã e a Páscoa do Senhor, são ambos imagens do Dia escatológico que está para vir. Partindo da realidade criada, prova da bondade e fidelidade do Criador, nosso pensamento se eleva para Deus que nos quer cumular de bens infinitamente mais preciosos: a participação em sua própria vida nos é oferecida como garantia desde agora na ressurreição do Primogênito. A Igreja está tensionada em direção à realização última, para o Dia do Senhor. Pedimos, então, que a manhã eterna desponte no tempo e que o último alvorecer da terra nos inunde com a luz do dia celeste. Recitando Laudes matutinas cada manhã antecipamos, pela esperança, a volta de Cristo glorioso. Como se vê, tudo em Laudes se polariza em torno da luz: o Verbo, Criador de todas as coisas com o Pai e o Espírito Santo, é o autor do sol. Ele é o verdadeiro sol dos que têm fé, pois sua ressurreição trouxe a verdadeira luz do mundo, quando triunfou sobre a morte e sobre o autor da morte. Mas a Igreja vive na esperança da realização total do mistério pascal, quando o Senhor retornará na glória. Este retorno está iminente. Ele está pronto para voltar.

33. É o segundo polo da oração quotidiana da Igreja e também o ofício mais solene. Nele também celebramos a luz, que é Cristo, agora como luz que não conhece ocaso, como luz que voltará, o Cristo glorioso que voltará, que está pronto para voltar. Celebra-se este ofício quando anoitece e o dia já declina para dar graças pelo que nele temos recebido e pelo bem que nele fizemos. Relembramos também nossa redenção por meio da oração, que elevamos como incenso na presença do Senhor, e na qual o levantar de nossas mãos é como um "sacrifício vespertino". Este sacrifício vespertino também o entendemos como sendo aquele verdadeiro sacrifício vespertino que nosso Senhor é Salvador entregou aos Apóstolos enquanto ceavam, ao instituir o sacrossanto mistério da Eucaristia. Entendemos também como sendo aquele outro sacrifício vespertino pelo qual ele mesmo, no dia seguinte, estendendo suas mãos, se entregou ao Pai pela salvação do mundo. E para que nossa esperança se concentre naquela luz que não conhece ocaso, oramos e pedimos para que venha a nós de novo à luz: rogamos pela vinda gloriosa de Cristo, insistimos para que se apresse este retorno, que nos trará a graça da luz eterna. Finalmente, nesta hora, fazemos nossos os sentimentos da Igreja oriental, invocando a "Luz gozosa da santa glória do Pai eterno dos céus, ditoso Jesus Cristo; chegados ao fim do dia, contemplando a luz da tarde, louvamos o Pai e o Filho e o Espírito Santo de Deus".

Na origem o Ofício de Vésperas chamava-se Lucernário, porque nele se costumava iluminar profusamente a Igreja com muitas luzes, símbolos de Cristo Eucarístico, luz e calor de nossas almas, sendo a Eucaristia o lar em que se aquece a nossa alegria e fomenta a nossa intimidade fraterna no interior de uma casa..



O Ofício de Vésperas é tão tradicional como o de Laudes. Ambos devem ser celebrados de tal forma que se destaquem entre as demais Horas: são estes dois ofícios a principal oração da comunidade eclesial. Sobretudo os que levam vida comum devem fomentar sua celebração pública e comunitária. Seu tempo natural é o final do dia, quando o sol se põe e se acende a lâmpada, o cair da tarde que nos recolhe para o nosso próprio ocaso, com a plenitude das messes ceifadas, com a paz dos estábulos em ordem, a satisfação do trabalho realizado, a volta ao lar, mas também com as marcas do dia e da vida, com os temores da noite que está para chegar. Os hinos de Vésperas e as orações conclusivas mencionam insistentemente esta "hora", com particular acento poético.

34. No Ofício de Vésperas celebramos Cristo autor da primeira criação e realizador da nova criação em seu sacrifício redentor. A obra dos seis dias é, na verdade, o início da história da salvação. O otimismo e o entusiasmo dos hinos de Vésperas diante da beleza, harmonia e ordem do universo, fazem ecoar os primeiros capítulos do Gênesis. É importante insistir neste ponto porque o homem de hoje, particularmente inclinado à considerar as deficiências e desigualdades na ordem da criação, custa a perceber a sabedoria estupenda que preside às suas origens e a mantém na existência. É preciso lutar para que não se separe a ordem da criação da ordem da redenção: elas formam o único plano do amor de Deus.

É sempre o tema da luz que tece a memória de Cristo no Ofício de Vésperas. Como Filho de Deus, Ele é Luz. É, igualmente, Salvador. Graças ao seu sacrifício redentor, ele traz a verdadeira luz da fé. Assim, entre a ação de graças da manhã e da noite, há uma correspondência que se manifesta na oferta feita a Deus e ao seu Filho, o Senhor da Igreja. Através das criaturas, o homem se eleva para a origem única de todas as coisas, fonte de luz e do sol. Portanto, Cristo, esplendor da gló-

ria do Pai, é invocado como autor da luz. Nós sempre o contemplamos como a verdadeira luz que não conhece ocaso e da qual participamos pela fé. Por isso pedimos, especialmente nos hinos, que Cristo-Luz penetre com sua graça no coração do homem e nele estabeleça sua morada de glória. Eis a Luz que deve iluminar a vida dos fiéis. É tão necessário e admirável o sol, que o homem muitas vezes quis adorá-lo. Entretanto, ele não passa de uma criatura. Mas nós saudamos sua aparição em Laudes como símbolo do verdadeiro sol que ilumina todo o homem que vem a este mundo. À sua luz nós percebemos as coisas que constituem o universo, e, fascinados por suas maravilhas, nosso coração naturalmente se sente impelido a adorar.

Da criação passamos para a re-criação. Ultrapassando a criação, prova da bondade paterna de Deus, a Igreja nos convida a discernir a redenção ou segunda e definitiva criação, que vem completar a obra divina. Deus modelou o homem com amor e destinou-o a compartilhar da sua intimidade na vida presente e na beatitude sem fim. A redenção, ou segunda criação, tem seu ápice no sacrifício de Cristo, e por isso ela é mais extraordinária que a primeira criação. Vésperas faz memória desta segunda criação: oferecemos, então, o "sacrifício de agradável odor", que é a vida de Jesus consumida inteiramente por amor e que culmina na cruz. A resposta de Deus a este sacrifício perfeito é a ressurreição de Jesus. Se nossa vida fôr participação na Paixão de Jesus, com ele ressuscitaremos, um dia, na glória.

## Cap. X - AS HORAS NOTURNAS

35. O OFÍCIO DAS LEITURAS - Este Ofício se estruturou na Igreja a partir do século IV, quando os monges da Palestina, em ambiente monástico,

introduziram o costume de se preparar para a celebração dominical e das festas maiores, levantando-se por três vezes na noite anterior. Era um ofício de "Vigília". Consistia na recitação de três salmos a cada vez que se levantavam, com voz forte para dissipar o torpor do sono, e ouvia-se em seguida, silenciosamente, uma leitura longa da Escritura. Por isso o Ofício de Leituras, que há pouco tempo chamava-se Ofício de Matinas, com seus três noturnos, no começo denominou-se Ofício das Vigílias. Percebe-se de imediato as suas duas características: é um ofício de louvor noturno, e é um ofício de culto à Palavra de Deus. Em nossos dias é permitido que seja recitado a qualquer hora do dia ou da noite. São louváveis, entretanto, os que mantêm seu caráter noturno e, no coração da noite, interrompem o sono para louvar o Senhor, porque sua Palavra é luz que brilha em nossa escuridão. Esta é a disposição dos que vigiam pela vinda do Esposo, dos que amam apaixonadamente o Senhor e por isso sentem-se impelidos a interromper o próprio sono para entreter-se com ele. Não dá para entender corretamente esse levantar-se no meio da noite para orar sem a realidade do apaixonamento pelo Senhor. Por isso são louváveis os que conservam este seu caráter noturno e a Igreja pede que ao menos na vida contemplativa como tal seja mantido.

O Ofício das Leituras propõe ao Povo de Deus e mui especialmente aos que de modo peculiar estão consagrados ao Senhor, uma meditação mais substanciosa da Sagrada Escritura e as melhores páginas dos autores espirituais. Principalmente os Sacerdotes devem beber as riquezas que emanam desta fonte, para que possam transmitir a todos a Palavra de Deus que receberam, e transformar sua pregação em alimento para o povo de Deus. Esta meditação deverá efetuar-se na oração, pois falamos a Deus quando lemos os oráculos divinos. Por isso este Ofício consta também de salmos, hino, oração e de outras fórmulas e apresenta o caráter de verdadeira oração. Seus salmos são geralmente a apre-

sentação da vida do povo, nos salmos históricos, como também da vida pessoal às vezes cheia de drama e de dores. Tornam-se uma interrogação para preparar os ouvidos a fim de ouvirem a Sagrada Escritura. Estas trazem a vivenciado Ano Litúrgico com as solenidades, as festas, e com um ciclo de textos selecionados de tal forma que se tenha de modo abundante as páginas mais preciosas da história do homem com Deus e da espiritualidade da Igreja. Somos, assim, instruídos e alimentados com solicitude maternal pela mesma Igreja com que e por quem oramos.

O Ofício de Leituras mais notável dentro do Ano Litúrgico é a Vigília Pascal do Sábado Santo à noite. A Vigília daquela noite é tão importante que a denominação que é comum às outras se arroga como própria. Passamos velando aquela noite em que o Senhor ressuscitou e iniciou para nós, em sua carne, aquela vida que não conhece nem a morte e nem o sono. Aquele cuja ressurreição iminente decantamos em nossa vigília nos concederá que reinemos vivendo sem fim com ele. Daí a importância, ou o sentido peculiar da celebração noturna deste Ofício, principalmente nas vigílias das grandes festas, não só a da Páscoa, mas também Natal e Pentecostes. Os Padres e os autores espirituais exortam muitas vezes os fiéis, sobretudo os que levam vida contemplativa, à oração noturna, pela qual se expressa e se excita a espera do Senhor que há de voltar: "À meia noite ouviu-se um grande clamor: eis que chega o Esposo, sai ao seu encontro" (Mt 25,6). "Velai, pois não sabeis quando chegará o Senhor da casa, se à tarde, se à meia noite, se ao cantar do galo, se pela manhã: para que vindo de repente não vos encontre dormindo" (Mc 13,35-36).

36. COMPLETAS - É um Ofício de composição asaz posterior às demais Horas, por obra de São Bento, admirável jóia litúrgica, repassada de poesia e piedade, incomparável como oração da noite, antes de dormir. Possui dois objetivos: pedir uma noite

tranquila e a graça de uma morte santa no Senhor. Estes dois motivos se interpenetram, porque o sono do corpo não é apenas imagem do sono da morte, mas pode ser também a brusca passagem para a outra vida. O Ofício consta de três partes: o Exame de consciência, os atos do cristão no final do dia e da vida, expressos nos salmos e no hino, e a encomendação final a Deus e à Virgem Maria.

As trevas da noite evocam o lado noturno, sombrio, de nossa existência. Quando a noite é funda, sentimos o frêmito de nossa própria fragilidade ante a ameaça do nada. E as trevas se convertem em tentação à descrença, ao desespero, à infidelidade, ao sono. No meio da noite, porém, vigiamos para não cair em tentação. É ainda a luz pascal de Cristo, acolhida em nosso quarto interior, que sustenta a nossa lâmpada. Por ele passamos das trevas à sua luz radiosa (1Pd 2,9), dissipando nosso medo e consolando nosso espírito. O próprio repouso noturno torna-se consagrado pela entrega do espírito nas mãos do Senhor. E os terrores da noite ficarão do lado de fora.

Os Salmos de Completas são escolhidos cuidadosamente para exprimir sentimentos e afetos do cristão no final do dia e da vida: perdão, confiança, contrição e abandono à misericórdia divina. Este abandono assume a forma mais eloquente na recitação do Cântico de Simeão. Simeão, aos estreitar nos braços o Menino Deus, elevou este cântico ao ver a salvação de Israel, e por isso agora lhe é menos penoso descer à sepultura. Também o cristão, no final do dia e da vida, após ter recebido tantas graças, após ter procurado com amor o Deus de amor com o trabalho realizado, sobretudo depois que recebeu o Corpo e o Santuário de nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia, penhor de glória futura, está disposto a abandonar esta vida, se Deus assim o quiser e, reconhecendo-se ainda imperfeito, diante do ideal da santidade, entrega-se à misericórdia divina e à intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria pela recitação da Antífona final.

37. Desde os tempos apostólicos, nos inícios da Igreja, os fiéis foram conduzidos a santificar o dia pela oração, ligando as Horas tradicionais da piedade judaica da manhã e da noite e a oração das outras três horas (= Tércia, Sexta e Nôa, de caráter mais particular) a um mistério determinado de Cristo, santificando a metade da manhã, o meio do dia e a metade da tarde. As Horas diurnas são Tércia, Sexta e Nôa. Podemos escolher uma das três, conforme o tempo natural que nos for dado para recitá-las: Tércia, na metade da manhã; Sexta, na metade do dia; Nôa, na metade da tarde. Estas três horas diurnas se caracterizam por três motivações que sempre estão presentes em cada uma delas: oração pela obra da construção do mundo, oração pela obra da evangelização do mundo, e memória de um aspecto da Paixão de Cristo. Embora nos seja permitido escolher para recitar uma dessas três Horas, contudo a Igreja pede que na vida contemplativa seja recitadas as três, e recomenda que o mesmo seja feito por todos os fiéis quando fazem retiros espirituais ou quando participam de algum convênio pastoral.

38. TÉRCIA - Enquanto oração pela obra da construção do mundo, Tércia nos coloca na situação concreta do trabalho humano apenas iniciado, há uma ou duas horas atrás. Neste momento o homem sente-se animado com o que faz, porque trabalha com energias ainda refeitas, tornadas pujantes, na plenitude de sua exuberância vital. Ao mesmo tempo esta é a hora em que o sol - símbolo de Cristo, sol de nossas almas - clareja sobre a terra seus raios benéficos, com um calor ainda suave que nos enche de uma sensação de bem estar. O homem está feliz, canta, assobia. Então nos reunimos para a oração que tem por objetivo implorar que a caridade, derramada em nossos corações pelo Espírito, pe

netre-nos a tal ponto, que se apodera, inclusive, do nosso corpo com todos os seus sentidos, internos e externos, também nossas energias psíquicas do sub-consciente e do inconsciente, a fim de que, ao plasmar o mundo com o trabalho, ao transformar a matéria, possamos imprimir, na obra de nossas mãos, as marcas da caridade derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. É assim que a obra de nossas mãos, o mundo construído pelo homem, pode tornar-se obra das mãos de Deus, admirável aos nossos olhos. Nossa oração, portanto, na Hora de Tércia, busca direcionar o nosso trabalho profano. Imunizamos-nos contra a ganância. Queremos trabalhar antes e acima de tudo para que, ganhando o pão com o suor do nosso rosto, partilhemos os bens com nossos irmãos necessitados. E queremos trabalhar também porque nossa vocação de homens sobre a terra, finalmente, consiste em procurar Deus invisível no claro-escuro das coisas visíveis. Nossas mãos trabalhadoras que plasmam a matéria, na verdade, não fazem outra coisa senão procurar com amor aquele Deus que se dá por amor. Para quem ama, é delectável dar-se ao trabalho de procurar aquele a quem amamos. Por isso se diz que o objeto próprio de Tércia é a caridade.

Além de oração pela construção do mundo material e pelo trabalho humano, Tércia é também oração pela obra da Evangelização da Igreja. Por isso evocamos o evento da vinda do Espírito Santo, o Pentecostes que marcou o início da obra evangelizadora de maneira decisiva.

Finalmente, em Tércia, fazemos memória dos inícios dos tormentos, na Paixão de Cristo. Lembramo-nos, portanto, da agonia no Horto, das bofetadas, dos escarros, dos açoites, da coroa de espinhos, dos ultrajes, do abandono dos seus e da multidão do povo.

Estas três motivações encontram-se esparsas pelos dois hinos, - o "Nunc, Sancte, nobis, Spiritus" e o "Certum tenentes ordinem", e pelas ora

ções conclusivas. Imploramos, no "Nunc, Sancte, no  
bis, Spiritus:

*Ô vinde, Espírito Santo,  
Uno com o Pai e o Filho,  
Penetrar a nossa mente  
E inundar os corações.*

*Boca, olhos, mãos, sentidos,  
Tudo em nós proclame o amor  
Que em nosso peito acendestes,  
Para que aos outros inflame.*

E o "Certum tenentes ordinem", que é um hino opcional, traz a motivação da obra evangelizadora, ao evocar Pentecostes:

*Ressaca a hora de Têrcia  
No serviço do louvor.  
De coração puro e ardente,  
Impluremos o Senhor.*

*Venha sobre nós, Senhor,  
O dom do vosso Espírito,  
Que nesta hora desceu  
Sobre a vossa Igreja nascente.*

*Renove-se o prodígio  
Do primeiro Pentecostes  
Que revelou aos gentios  
O fulgor do vosso Reino.*

Na oração conclusiva de Segunda Feira, rezamos: "Deus, nosso Pai, que confiastes aos homens o dever do trabalho para que, colaborando uns com os outros, conseguissem resultados cada vez maiores, ajudai-nos a viver de tal modo no meio das nossas atividades que nos sintamos sempre filhos vossos e irmãos de todos os homens".

Na oração conclusiva de Terça Feira, aparece a motivação da obra evangelizadora, e rezamos: "Deus eterno e todo poderoso, que à hora de Têrcia enviastes o vosso Espírito Santo sobre os apóstolos, derramai também sobre nós o mesmo Espírito



de caridade, para que demos aos homens o testemunho do vosso amor". Na Quarta Feira pedimos a Deus, Pai Santo e Deus fiel, que enviou o Espírito Santo para reunir os dispersos pelo pecado, que ajude-nos a ser, no meio do mundo, fermento de unidade e de paz.

Na oração conclusiva de Sexta Feira aparece a motivação da Paixão: "Senhor Jesus Cristo, que à Hora de Térçia fostes levado aos suplícios da paixão pela redenção do mundo, ajudai-nos a chorar os pecados da vida passada e a evitar as faltas no futuro".

39. SEXTA - Enquanto oração pela obra do trabalho humano de construção do mundo, Sexta nos situa naquela situação concreta de um trabalho que enfrenta agora a dureza do peso do dia e do calor, as resistências da matéria, as impotências do homem trabalhador, sobretudo a sua dificuldade para conviver em paz com os outros homens. No meio do dia está a hora em que nosso corpo verga sob o peso do esforço e do calor. A essa altura, também, os imprevistos, os contratemplos, nossas inúmeras limitações na obra da construção do mundo, fazem com que nossa alma se sinta oprimida e aborrecida pelas preocupações quotidianas, os sofrimentos, os pecados e as tentações. Principalmente o que mais nos custa é a convivência humana com nossos semelhantes por causa das dificuldades que temos para partilhar o que produzimos. O inimigo, então, aproveita-se desta situação e procura arrastar-nos à impeciência, ao desânimo, às faltas de caridade diante do próximo e aos outros pecados que o cansaço e o calor favorecem. É a hora em que devemos orar para implorar a paz, a saúde do nosso corpo, a paciência a fim de levar com amor o fardo de nossos irmãos, para aceitar o peso do dia, para aceitar a vontade de Deus e obter a bênção a fim de terminar devidamente a obra começada.

Imploramos, no Hino "Rector potens verax Deus":

Senhor verax e poderoso,  
Que moderais o vai-vêm das coisas,  
Irradiais de luz nossas manhãs.  
E acendeis um fogo ao meio dia:

Aplacai nossas tristes polémicas,  
Extinguï a chama das raivas,  
Infundi vigor em nossos corpos  
E aos corações concedei a paz!

Rezamos, na oração conclusiva de Segunda Fei  
ra: "Senhor da vinha e da messe, que repartis as  
tarefas e dais o verdadeiro salário, ajudai-nos a  
carregar o peso do dia e do calor sem murmurar  
contra a vossa vontade". E na Quarta Fei  
ra: "Deus onipotente e misericordioso, que no meio do dia  
concedeis um descanso à nossa fadiga, olhai beni  
gnamente o trabalho começado e, remediando as nos  
sas fraquezas, levai a bom termo as nossas ações,  
segundo a vossa vontade". Na verdade as nossas a  
ções e as obras de nossas mãos só haverão de che  
gar ao bom termo na medida em que as fizermos de  
tal modo que nelas possamos constatar na verda  
de, a ação que o Senhor realiza, e a obra de suas  
mãos, admirável aos nossos olhos. Por isso reza  
mos.

Além de oração pela construção do mundo mate  
rial e pelo trabalho humano e convivência frater  
na entre os homens, Sexta é também oração pela o  
bra da evangelização dos povos. Por isso, nas ora  
ções conclusivas, às vezes se faz alusão à oração  
de Pedro no terraço da Casa de Cornélio, em Jope:  
foi um acontecimento decisivo nos primórdios da  
Evangelização, em que Pedro recebeu a revelação  
do desígnio divino de salvação aberto também aos  
pagãos. Até este momento os Apóstolos haviam fica  
do entre os judeus. Agora a obra evangelizadora  
se abre para os pagãos. O Centurião Cornélio foi  
o primeiro: a Igreja se desamerra do judaísmo e  
entende sua dimensão universal.

Rezamos, na oração conclusiva de Terça Fei  
ra: "Senhor, que revelastes ao Apóstolo Pedro o  
desejo de salvar todos os povos, fazei que as nós

sas ações sejam agradáveis aos vossos olhos e se integrem em vosso plano de salvação". E no Sábado rezamos: "Ó Cristo, vós sois adorado no céu e na terra, em todo o tempo e a toda a hora; sois a paciência, a compaixão e a própria misericórdia; amais os justos, tendes piedade dos pecadores, chamais todos os homens à salvação e lhes prometéis os bens futuros: acolhei nossas orações no meio deste dia e conformai nossa vida à vossa vontade; santificai nossas almas e nossos corpos, retificai nossos pensamentos e tornei-os vitoriosos sobre a provação e a tristeza; protegei-nos e abençoai-nos para que cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento da vossa glória".

Finalmente em Sexta fazemos memórias da Paixão do Senhor no seu momento em que é crucificado e suspenso. Naquela hora o sol se escureceu. Por que? Porque agora brilha sobre o mundo este outro sol: o Senhor que pende de sua cruz. É só a partir deste mistério que as coisas agora podem ter sentido e ser inteligíveis, sobretudo nos nossos momentos de prova e sucumbimento. No Hino opcional, "Laudes dicamus Domino", cantamos:

*A hora Sexta nos convida  
A este serviço divino.  
Celebremos o Senhor  
No fervor do nosso espírito.*

*Nesta hora, no Calvário,  
Verdadeiro Cordeiro Pascal,  
Cristo paga o resgate  
Pela nossa salvação.*

*Diante da sua glória,  
O sol perdeu sua luz.  
Mas brilha em nós a sua graça  
No íntimo dos corações.*

Na oração conclusiva de Sexta Feira, rezamos: "Senhor Jesus Cristo, que à luz do meio dia, enquanto as trevas envolviam o mundo, subistes à cruz para a nossa salvação, concedei-nos sempre a vossa luz, para que ilumine nossos caminhos e nos conduza à vida eterna".

40. NÔA - Enquanto oração pela obra da construção do mundo e pelo trabalho humano, Nôa nos situa naquele momento em que já o dia descamba, e uma certa nostalgia, como também o sentimento de frustração e desencanto pode invadir a nossa vida. O homem começa a vida, como começa o dia, cheio de muitas esperanças. Entretanto, a verdade da existência terra é esta: a vida não cumpre o que promete. O mundo presente, com todos os seus atrativos sobre o coração humano, não cumpre o que promete. Decepciona e desencanta com o aproximar-se dos anos da velhice, quando nossas forças declinam e perdemos a capacidade para fazer diversamente e para pensar diversamente, entrando em choque facilmente, com as novas gerações, escandalizando-nos com a reviravolta dos valores. Reunimo-nos então, para rezar, a fim de que a provisoriedade, como a caducidade dos anos terrenos não nos mergulhe no pessimismo mas que nos faça sentir que "fomos feitos para ti, e por isso o nosso coração se sente inquieto enquanto não repousar em ti." Então pedimos que nossa velhice não termine nas trevas, mas seja banhada pela luz da pátria verdadeira, que é o rosto do Senhor. Cantamos, no Hino "Rezum Deus, tenax vigor":

*Deus, tenax vigor das coisas,  
Que és imutável e eterno,  
Assinalais o ritmo do mundo:  
Os dias, os séculos, o tempo!*

*Enchei de luz a nossa tarde,  
Fazei surgir para lá da morte,  
No esplendor da glória dos céus,  
O vosso dia sem ocaso!*

Enquanto oração pela obra da evangelização no mundo, a hora de Nôa evoca o acontecimento da cura do paralítico à porta do Templo chamada Formosa (cf. At 3,1), realizada por Pedro em nome de Jesus quando, juntamente com João, subiu para a oração. Este acontecimento se apresenta como notável exemplo do poder da oração da fé, proferida em nome de Jesus. Recordam-se também a oração do

Centurião Cornélio que foi atendida de maneira maravilhosa. Rezamos, na oração conclusiva de Segunda Feira: "Senhor, que nos reunistes na vossa presença à mesma hora em que os Apóstolos subiam ao Templo para rezar, ouvi as súplicas que vos dirigimos em nome de Cristo e concedei a salvação a quantos o invocam". E na oração conclusiva de Terça Feira: "Senhor, que enviastes um anjo ao Centurião Cornélio para lhe revelar o caminho da salvação, ajudai-nos a trabalhar cada vez mais e melhor para a salvação dos homens para que, juntamente com os nossos irmãos, encorporados na vossa Igreja, possamos chegar até vós. E cantamos no hino opcional "Ternis horarum terminis":

*A hora de Nôa nos chama  
Ao serviço do louvor.  
Adoremos exaltando  
Ao Uno e Trino Senhor.*

*Pedro, que nesta hora  
Subiu ao Templo a rezar,  
Confirme os nossos passos  
Sobre os caminhos da fé.*

*Unâmo-nos aos Apóstolos  
Neste perene louvor,  
E caminhemos todos juntos  
Nas pegadas do Senhor.*

Mas o que se destaca em Nôa é a memória da Paixão de Jesus no momento de sua morte. A motivação prevalece sobre as outras duas e é a solução das outras duas. Nela encontramos a solução para o entardecer de nossa vida e para a morte. Foi na hora de Nôa que o Senhor morreu na cruz para nos merecer a graça do superamento da morte. Assim fomos resgatados com o sangue de sua cruz. Foi o preço com que fomos adquiridos. Não foi o preço de ouro ou prata, mas o do sangue do Cordeiro Imaculado. É o preço desse sangue que dá preço à nossa vida, não obstante sua caducidade e provisoriêdade. Pela virtude deste sangue, pedimos a graça da perseverança final.

Na oração conclusiva de Quarta Feira rezamos assim: "Senhor Jesus Cristo, que de braços abertos na cruz morrestes pela salvação do mundo, fazei que nossas ações vos sejam agradáveis e sirvam para manifestar aos homens a vossa redenção". Na oração conclusiva de Quinta Feira pedimos que nos seja dado imitar a paciência do Senhor na cruz, jamais desanimando perante as adversidades". Na Sesta Feira pedimos: "Senhor Jesus Cristo que, suspenso na cruz, recebestes no Reino eterno o la drão arrependido, aceitai benignamente a humilde confissão de nossas culpas, e abri-nos também a nós, depois da morte, as portas do paraíso."

41. UM QUESTIONAMENTO (Do Livro: "Os Salmos na Vida Cristã" de L.C.Susin) - O homem de hoje perdeu muito da sensibilidade à evocação simbólica do tempo. A cidade secular não distingue Quaresma de Páscoa, etc.. Só as propagandas falam de festas. Segue-se o ritmo do trabalho e dos feriados e feriadões. As horas do dia são sistematicamente alteradas, e o homem impõe o ritmo que bem entende ou que é obrigado a assumir: super-ocupação no dia e entrada na noite com estudo, televisão. Perdendo o ritmo das horas cósmicas, do dia, das épocas, das festas, perdendo a ritualização do tempo, o homem que pensava dominar o tempo transformando-o em tempo à disposição dos negócios (= Tempo é dinheiro!), vê o tempo escapar-lhe. Hoje não se tem tempo. Sem ritos e sem símbolos, sentimo-nos desagrignados, exilados mais do que nunca. Como viver neste mundo e continuar - ou começar! - a celebrar com plenitude de sabor simbólico, sacramental, a Liturgia das Horas? Ela aparece tão distante deste mundo que não segue mais o ritmo do cosmos natural e agrário. Quem estará anacrônico? O homem de hoje é que foi longe demais? Ou a Liturgia das Horas parou no tempo? O que fazer? Afastar-se dessa sociedade? Mas, como diz Thomas Merton, a vida contemplativa não é, de modo algum, dar as costas à humanidade, mas prestar-lhe um serviço urgente. Mesmo que sejamos taxados de fanáticos e alienados.

Dentro da Igreja continuamos em crise de vida contemplativa. Muitos não têm convicção de seu valor, talvez alguns literalmente não crêem nela ou nunca experimentaram sua substância pelos motivos mais diversos. Pensamo-nos normalmente como pastoralistas, isto é, faladores, em primeiro lugar. Fervemos menos pelas horas de oração. Daí a inconstância e a criação do círculo vicioso da decadência: a não-experiência gera não-convicção; esta gera a não-constância a qual, por sua vez, acaba por gerar mais não-experiência, até nos acomodar com compensações lastimáveis. Inclusive há argumentos tentadores para vergastar a "burguesia contemplativa: os outros... os pobres... E de fato o amor, para um cristão, está acima do culto. Sem culto, porém, o amor não se sustenta. Sem oração que o fundamente, o amor desce. Diz a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas: "Aqueles que tomam parte na Liturgia das Horas contribuem, graças a uma misteriosa fecundidade apostólica, para o incremento do povo de Deus. Porque o objetivo da atividade apostólica é que todos, feitos pela fé e pelo batismo filhos de Deus, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem do sacrifício e comam a ceia do Senhor". Diz ainda que a comunidade eclesial, quando celebra a Liturgia das Horas, "exerce uma verdadeira maternidade para com as almas que deve levar a Cristo". Acreditamos realmente que um padre de braços erguidos em oração converte mais do que dando muitas palestras? Dá o que pensar a irônica frase de um estudante universitário: "Seria bom que, na missa, o padre falasse menos e rezasse mais com o povo". O que desejamos, em última instância, com nossas atividades" (pp. 77-78).

## Cap. XII - OS SALMOS E SUA FUNÇÃO NA ORAÇÃO CRISTÃ

(Da IGLH, 100-109)

42. Na Liturgia das Horas a Igreja reza, em grande parte, servindo-se daqueles esplêndidos poemas que, por inspiração do Espírito Santo, os autores sagrados do Antigo Testamento compuseram. Em razão de sua origem têm o poder de elevar até Deus as mentes dos homens, excitar neles piedosos e santos afetos, ajudá-los maravilhosamente a dar graças na prosperidade e na adversidade, dar-lhes consolo e fortaleza de ânimo.

Contudo os salmos não nos oferecem senão uma sombra daquela plenitude dos tempos que se manifestou em Cristo nosso Senhor e da qual se alimenta a oração da Igreja: por isso não é de estranhar que, embora todos os fiéis cristãos estejam de acordo em ter em grande estima os salmos, surja, por vezes, alguma dificuldade quando alguém pela oração procura fazer seus aqueles poemas venerandos.

Mas o Espírito Santo, sob cuja inspiração cantaram os salmistas, assiste sempre com sua graça aos que de boa vontade e com fé salmodiam aqueles poemas. Por outro lado, porém, é necessário que adquiram uma abundante formação bíblica sobre tudo quanto aos salmos, cada qual segundo suas possibilidades, e assim entendam de que modo e com que método poderão rezar retamente os que deles se servem.

Os salmos não são leituras, nem orações compostas em prosa, mas poemas de louvor. Por conseguinte, mesmo que às vezes tenham sido proclamados em forma de leitura, contudo, atendendo ao seu gênero literário, se chamam, com razão, em hebreu "tehilin", ou seja "cânticos de louvor" e em grego "psalmoi", ou seja "cânticos para entoar ao

- 68 -



som do saltério". Todos os salmos têm verdadeiramente um caráter musical que determina o modo conveniente de dizê-los. Por isso, mesmo que se recite o salmo sem canto, ou mesmo sozinho e em silêncio, deve-se deixar levar pelo seu caráter musical: embora ofereça um texto à nossa mente, tende mais a mover os corações dos que salmodiam e escutam, e mesmo dos que tocam o saltério e a cítara.

Portanto, quem salmodia sabiamente percorre com a meditação verso após verso, sempre preparado em seu coração para responder, como requer o Espírito que inspirou o salmista e moverá também os devotos preparados para receber a sua graça. Por isso a salmodia, ainda que exija a reverência que convém à majestade de Deus, deve-se desenvolver com gozo da alma e com doçura de caridade, tal como corresponde à poesia sagrada e ao canto divino e mais ainda à liberdade dos filhos de Deus.

Com as palavras do salmo poderemos muitas vezes orar com maior facilidade e fervor, quer dando graças e louvando a Deus com alegria, quer pedindo-lhe das profundezas de nossas angústias. Mas também pode por vezes - sobretudo se o salmo não se dirige imediatamente a Deus - surgir alguma dificuldade. Pois o salmista, que é poeta, a miúdo se dirige ao povo relembrando a história de Israel; às vezes interpela os outros seres, sem excluir criaturas irracionais. Inclusive faz falar o próprio Deus e os homens, ou até, como no salmo segundo, os inimigos de Deus. Por isso se torna evidente que o salmo não é uma oração do mesmo estilo que as preces ou uma coleta composta pela Igreja. Além do mais quadra com sua índole poética e musical o fato de que não fale necessariamente a Deus, mas cante simplesmente diante de Deus tal como o adverte São Bento: "Consideremos, pois, de que modo convém estar em presença de Deus e de seus anjos e ao salmodiar mantenhamo-nos em tal atitude que nossa mente concorde com nossa voz".

Quem salmodia abre o seu coração àqueles sen

timentos que brotam dos salmos, segundo o gênero literário de cada um, quer seja o gênero de lamentação, de confiança, de ação de graças, quer sejam outros gêneros que os exegetas realçam com razão. Procurando permanecer fiel ao sentido literal, quem salmodia se fixa na importância que o texto contém para a vida humana dos crentes. É sabido, com efeito, que cada salmo foi composto em circunstâncias determinadas que os títulos que no saltério hebraico se lhe antepõe procuram insinuar. Contudo qualquer que seja sua origem histórica, cada salmo tem um sentido literal que não podemos, nem mesmo em nossa época, negligenciar. Embora aqueles poemas tenham sido compostos por orientais, há muitos séculos, expressam bem as dores e esperanças, a miséria e a confiança do homem de qualquer época e país, sobretudo a fé em Deus e cantam a revelação e a redenção.

Quem, na Liturgia das Horas, salmodia não o faz tanto em seu próprio nome como no de todo o Corpo de Cristo e ainda na pessoa do próprio Cristo. Quem tiver isto presente resolve as dificuldades que possam surgir ao ser dar conta, enquanto salmodia, que os sentimentos de seu coração discordam dos afetos que o salmo expressa, se por exemplo, estando triste e cheio de amargura, deve cantar um salmo de júbilo, ou um salmo de lamentação, quando se sente feliz. Na oração meramente privada isto é facilmente evitado, porque nela há liberdade de escolher um salmo adequado ao próprio estado de alma. Contudo no Ofício divino o curso público dos salmos não é cantado particularmente, mas em nome da Igreja, mesmo no caso de alguém recitar alguma Hora a sós. Quem salmodia em nome da Igreja poderá sempre encontrar motivos de alegria e de tristeza, porque também a isto se aplica a passagem do Apóstolo: "alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram" (Rom 12,1), e assim a fraqueza humana, ferida pelo amor de si mesma, é curada com aquele grau de caridade com que a mente estiver de acordo com a voz do que salmodia.

Quem salmodia em nome da Igreja deve prestar atenção ao sentido pleno dos salmos, especialmente o sentido messiânico, em virtude do qual a Igreja adotou o saltério. Aquele sentido messiânico tornou-se plenamente manifesto no Novo Testamento e até aprovado pelo próprio Cristo Senhor, que disse aos Apóstolos: "Era necessário que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos" (Lc 24,44). O mais conhecido exemplo desta interpretação messiânica é aquele diálogo no Evangelho de São Mateus sobre o Messias, Filho de Davi e ao mesmo tempo seu Senhor (cf. Mt 22,44ss), no qual o salmo 109 aplica ao Messias.

Seguindo este mesmo método os Santos Padres entenderam e comentaram todo o saltério como uma profecia de Cristo e da Igreja. Com este mesmo critério escolheram-se os salmos na sagrada Liturgia. Embora por vezes se tenham admitido algumas interpretações algo forçadas, em geral tanto os Padres como a Liturgia com todo direito ouviram nos Salmos Cristo chamando ao Pai, ou o Pai falando com o Filho, ou inclusive descobriram a voz da Igreja, dos Apóstolos ou dos mártires. Este método de interpretação floresceu também durante a Idade Média: em muitos códices medievais do saltério sugeria-se aos que salmodiavam um sentido cristológico por meio de um título anteposto a cada salmo. A interpretação cristológica não se limitou de modo algum àqueles salmos tipos por messiânicos, mas se estendeu a muitos outros casos que, sem dúvida, são mera apropriações, embora aceitas pela tradição da Igreja.

De modo especial na salmodia dos dias festivos, os salmos foram escolhidos por alguma razão cristológica e para sugerir-las se antepõe geralmente antífonas tiradas dos próprios salmos.

## Cap. XIII - PRINCIPAIS NORMAS DE RECITAÇÃO DO OFÍCIO DIVINO

Fazemos aqui um elenco das principais normas que devem ser observadas na recitação do Ofício divino, extraídas da Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas.

### Invitatório

1. No Invitatório, se parecer oportuno, o Salmo 94 pode ser substituído pelos salmos 99, 66 ou 23 (34).

### Laudes e Vésperas

2. No início de cada Hora, após o "Deus, vinde em nosso auxílio" etc e o "Glória ao Pai", diz-se "Aleluia" que se omite na Quaresma (41).

3. Na celebração de Laudes e Vésperas com o povo, após a leitura breve pode-se acrescentar, se parecer oportuno, uma breve homilia para ilustrar a leitura. Depois da Homilia ou da Leitura guardar-se-á, se oportuno, certo tempo de silêncio. (47-48).

### Ofício das Leituras

4. O Ofício das Leituras pode ser rezado a qualquer hora do dia, e mesmo nas horas da noite do dia anterior, após as Vésperas. São louváveis, porém, os que mantêm o caráter noturno deste ofício (58-59).

5. Nos domingos fora da Quaresma, nos dias das oitavas da Páscoa e do Natal, nas solenidades e nas festas, após a segunda leitura com seu responsório se diz o hino "Te Deum", que não será recitado nas memórias e nas férias (68).

## Tércia, Sexta e Nôa

6. O costume litúrgico de dizer as três Horas de Tércia, Sexta e Nôa seja mantido pelos que professam vida contemplativa. Recomenda-se que todos façam o mesmo quando fazem retiro espiritual ou participam e algum convênio pastoral (76). Fora disso, porém, é lícito escolher uma das três horas que mais convém ao tempo do dia. Os que não persolvem as três Horas devem rezar ao menos uma das três, para que se conserve a tradição de orar durante o dia e no meio do trabalho (77).

## Completas

7. Em Completas, após o aleluia, que se omite no tempo da Quaresma e antes de entoar o hino, louvavelmente se fará um exame de consciência que na celebração comunitária se faz em silêncio, ou se insere no ato penitencial, segundo as fórmulas do Missal Romano (86).

## União das Horas entre si e com a Missa

8. LAUDES PRECEDENDO A MISSA - A ação pode começar ou pelo verso invitatório e o hino de Laudes, ou pelo canto de entrada com a procissão de entrada e a saudação do celebrante, omitindo-se o verso invitatório de Laudes e o Hino. Segue-se a Salmodia de Laudes até a leitura breve exclusiva. Após a Salmodia, omitindo-se o ato penitencial e o "Senhor, tende piedade de nós", diz-se o "Glória" e a Oração da Missa. Após o que segue a Liturgia da Palavra como de costume. A oração universal se fará no lugar e segundo a fórmula costumeira da Missa. Contudo nos dias feriais, na missa matutina, em lugar do formulário quotidiano da oração dos fiéis pode-se recitar as preces matutinas de laudes. Após a comunhão com seu canto próprio recita-se o "Benedictus" com sua antifona de Laudes. Em seguida se diz a oração depois da comunhão e o demais de modo costumeiro (94).

9. HORA MÉDIA PRECEDENDO A MISSA - A ação po-  
de começar ou pelo verso introdutório e o hino da  
Hora, sobretudo nos dias feriais, ou pelo canto  
de entrada com procissão e saudação do celebrante  
sobretudo nos dias festivos, omitindo em ambos os  
casos o rito inicial. Segue-se a Salmodia da Hora  
de modo costumeiro, até a Leitura breve exclusiva.  
Omitindo-se o ato penitencial e, se parecer oportu-  
no, o "Senhor, tende piedade de nós", se diz o  
Glória, se houver, e o celebrante reza a oração  
da Missa (95).

10. VÉSPERAS PRECEDENDO A MISSA - As Véspe-  
ras podem preceder à missa do mesmo modo que Lau-  
des matutinas. Contudo as primeiras Vésperas das  
solenidades, dos domingos ou das festas do Senhor  
que caíam no domingo não podem ser celebradas se-  
não depois da missa do dia anterior, isto é, do  
sábado (96):

11. HORA MÉDIA ou VÉSPERAS APÓS A MISSA - Ce-  
lebra-se a missa de modo costumeiro até a oração  
depois da comunhão inclusive. A esta altura come-  
ça-se sem mais a Salmodia da Hora. Na Hora Média,  
acabada a Salmodia e omitida a Leitura breve, diz-  
-se logo a fórmula de despedida, como na Missa. Pa-  
ra as Vésperas, acabada a Salmodia e omitida a  
Leitura, se acrescenta imediatamente o Cântico do  
"Magnificat" com sua antífona e, omitindo as pre-  
ces e o Pai-nosso, se diz a oração de conclusão e  
se abençoa o povo (97).

12. OFÍCIO DAS LEITURAS PRECEDENDO A MISSA -  
Exceto no caso da noite de Natal, se exclui por  
regra geral a união da Missa com o Ofício das Lei-  
turas, uma vez que a própria missa já possui sua  
série de leituras que deve ser distinta do Ofício.  
Contudo, se em algum caso concreto convier fazer  
assim, então imediatamente após a segunda Leitura  
do Ofício com seu responsório, omitindo tudo o ma-  
is, se começa a Missa com o Hino Glória a Deus, se  
fôr prescrito, se não, com a coleta (98).

13. OFÍCIO DAS LEITURAS ANTES DE OUTRA HORA -  
Antepõe-se ao Ofício das Leituras o hino corres-

pondente àquela Hora; no final do Ofício das Leituras omitem-se a oração e a conclusão, e na Hora seguinte se omite o verso introdutório com o "Glória ao Pai" (99).

### Modo de salmodiar

14. Os salmos são cantados ou recitados, ou de maneira seguida, ou alternando os versos ou estrofes em dois coros da Assembléia, ou de modo responsorial: um ou dois salmistas dizem as estrofes e a Assembléia repete um verso responsorial entre cada estrofe, que pode ser a mesma antífona (122).

15. Os Cânticos evangélicos "Benedictus", "Magnificat" e "Nunc dimitis" serão acompanhados com a mesma solenidade e dignidade com que se costuma ouvir o Evangelho (138).

### Oração do Senhor

16. A Oração do Senhor será rezada solenemente três vezes ao dia: na Missa, em Laudes matutinas e em Vésperas. No Ofício divino é dito por todos, antepondo-se, se oportuno, breve exortação (195-196).

### Oração conclusiva

17. No final de cada Hora, para terminar, se diz a oração conclusiva que na celebração pública e com o povo, segundo a tradição, compete ao sacerdote ou ao diácono (197).

### Silêncio sagrado

18. Dado que nas ações litúrgicas deve-se procurar em geral que se guarde também em seu tempo um silêncio sagrado, dê-se ocasião de silêncio também na celebração da Liturgia das Horas. Se parecer oportuno e prudente, para facilitar a plena ressonância da voz do Espírito Santo nos corações e para unir mais estreitamente a oração pessoal

com a Palavra de Deus e com a voz pública da Igreja, pode-se intercalar um tempo de silêncio, após cada salmo, tendo repetido sua antífona, sobretudo se depois do silêncio se acrescentar a coleta do salmo (cf. n. 112); ou após as leituras, sejam breves ou longas, antes ou depois do responsório. Contudo deve-se evitar introduzir um silêncio tal que deforme a estrutura do Ofício, ou que ocasione mal-estar ou tédio aos participantes (201-202).

### Coletas dos Salmos

19. No apêndice do Livro da Liturgia das Horas se propõem coletas dos salmos para cada um deles a fim de ajudar aqueles que os recitam a interpretá-los sobretudo em sentido cristão. Podem ser empregadas livremente, de modo que, acabado o salmo e após um certo tempo de silêncio, a coleta resuma e conclua os afetos humanos (112).

### Tríduo pascal

20. Os que participam da missa vespertina na Ceia do Senhor ou da celebração da Paixão do Senhor na Sexta Feira, não dizem as Vésperas desse dia (209).

21. Na Sexta Feira da Paixão do Senhor e no Sábado Santo, antes das Laudes matutinas, faça-se na medida do possível, uma celebração pública e com o povo, do Ofício das Leituras (210).

22. Recitam Completas do Sábado Santo apenas os que não participam da Vigília Pascal (211).

23. A Vigília Pascal substitui o Ofício das Leituras. Os que não participam da Vigília Pascal recitarão ao menos quatro leituras da mesma com seus cânticos e orações. Convém que se escolham as leituras do Êxodo, de Ezequiel, do Apóstolo e do Evangelho. Segue o hino "Te Deum" e a oração do dia (212).

24. Convém que as Vésperas do Domingo da Ressurreição se celebrem de modo especialmente sole-



ne em lembrança do fim de tão sagrado dia e para comemorar as aparições com que o Senhor se mostrou aos seus discípulos (213).

## Natal

25. Na noite de Natal é bom que antes da missa se celebre uma solene vigília com o Ofício das Leituras. Os que dela participarem não dizem Completas (215).

## O exercício das diversas funções

26. Na celebração da Liturgia das Horas, como nas demais ações litúrgicas, cada qual, ministro e fiel, ao desempenhar sua função, faça tudo e só aquilo que pela natureza da coisa ou pelas normas litúrgicas lhe compete (253).

27. Em todas as celebrações com o povo um sacerdote ou diácono presidirá e haverá também ministros (254).

28. O presbítero ou diácono que preside o Ofício, sobre a alva ou sobrepeliz pode usar a estola, o presbítero também o pluvial. Aliás nada impede que em maiores solenidades vários presbíteros revistam a capa magna e os diáconos a dalmática (255).

29. Cabe ao sacerdote ou diácono que preside, de sua cadeira, dar início ao Ofício com o verso introdutório, começar a Oração do Senhor, proferir a oração conclusiva, saudar o povo e despedi-lo (256).

30. As preces podem ser ditas pelo sacerdote ou pelo ministro (257).

31. Na falta do presbítero ou diácono, quem preside o Ofício é apenas um dentre os demais, não entra no presbitério, nem saúda ou abençoa o povo (258).

32. Os que desempenham o ofício de leitor, de pé, em lugar apropriado, proclamarão as leituras longas ou breves (259).

33. Caberá ao cantor ou cantores começar as antífonas, salmos ou outros cantos (261).

34. Enquanto se proclama o Cântico Evangélico nas Laudes matutinas e nas Vésperas pode ser incensado o altar, em seguida também o sacerdote e o povo (261).

35. Todos os participantes estão de pé:

1º enquanto se diz a Introdução do Ofício e os versos introdutórios de cada Hora.

2º enquanto se diz o hino.

3º enquanto se diz o Cântico Evangélico.

4º enquanto se dizem as preces, o Pai nosso e a oração conclusiva.

36. Todos fazem o sinal da cruz, da fronte ao peito e do ombra esquerdo ao direito:

1º no início das Horas, quando se diz: "Deus vinde em nosso auxílio"

2º no início dos Cânticos Evangélicos do "Benedictus", do "Magnificat" e do "Nunc dimitis"

Faz-se o sinal da cruz sobre os lábios no princípio do Invitatório às palavras "Senhor, abrí os meus lábios".

<i>Introdução</i>	<i>pag. 3</i>
<i>Cap. I - A religiosidade cristã</i>	<i>6</i>
<i>Cap. II - A Liturgia Cristã</i>	<i>8</i>
<i>Cap. III - Intervenção de Deus pela ação dos sacramentos</i>	<i>11</i>
<i>Cap. IV - Centralidade da Eucaristia</i>	<i>20</i>
<i>Cap. V - A Liturgia das Horas</i>	<i>24</i>
<i>Cap. VI - Os que celebram a Liturgia das Horas</i>	<i>35</i>
<i>Cap. VII - As horas da Liturgia das Horas e seus elementos constitutivos</i>	<i>40</i>
<i>Cap. VIII - Laudes matutinas</i>	<i>47</i>
<i>Cap. IX - O Ofício de Vésperas</i>	<i>52</i>
<i>Cap. X - As Horas noturnas</i>	<i>54</i>
<i>Cap. XI - As Horas diurnas</i>	<i>58</i>
<i>Cap. XII - Os Salmos e sua função na oração cristã</i>	<i>68</i>
<i>Cap. XIII - Principais normas de recitação do Ofício Divino</i>	<i>72</i>

*INSTITUTOS SECULARES DA SEARA*

*Rua Brasilino Moura, 434*

*Caixa postal 8089*

*Fone (041) 254.6877.*

*80.000 - CURITIBA - Paraná  
Brasil.*